

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

REGIANE ABRAHÃO

**LINGUAGEM E PENSAMENTO NA PSICOLOGIA SOVIÉTICA:
UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS EM
DIFERENTES PROCESSOS DE REALIDADES**

REGIANE ABRAHÃO

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR – PPIFOR**

**LINGUAGEM E PENSAMENTO NA PSICOLOGIA SOVIÉTICA:
UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS EM
DIFERENTES PROCESSOS DE REALIDADES**

REGIANE ABRAHÃO

**PARANAVAÍ
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVÁI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR - PPIFOR**

**LINGUAGEM E PENSAMENTO NA PSICOLOGIA SOVIÉTICA:
UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS EM DIFERENTES
PROCESSOS DE REALIDADES**

Dissertação apresentada por REGIANE ABRAHÃO, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino.

Área de Concentração: Formação docente interdisciplinar.

Orientador(a):
Prof^(a). Dr(a).: FÁTIMA APARECIDA DE SOUZA FRANCIOLI

PARANAVÁI
2019

FICHA CATALOGRÁFICA:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A159L	<p>Abrahão, Regiane</p> <p>Linguagem e pensamento na psicologia soviética: um estudo sobre os significados das palavras em diferentes processos de realidades / Regiane Abrahão --. Maringá, 2019. 107 f.: il. figs.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Fátima Aparecida de Souza Francioli.</p> <p>Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Programa de Pós-Graduação em Ensino.</p> <p>1. Psicologia Histórico - Cultural. 2. Linguagem e pensamento. 3. Palavra. I. Francioli, Fátima Aparecida de Souza, orient. II. Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí. Centro de Ciências Humanas e da Educação. Programa de Pós-Graduação em Ensino. III. Título.</p> <p>CDD 21. ed. 150.23</p>
-------	---

Marlene Gonçalves Curty CRB9 - 475

REGIANE ABRAHÃO

**LINGUAGEM E PENSAMENTO NA PSICOLOGIA SOVIÉTICA:
UM ESTUDO SOBRE OS SIGNIFICADOS DAS PALAVRAS EM DIFERENTES
PROCESSOS DE REALIDADES**

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Fátima Aparecida de Souza Francioli – UNESPAR

Prof^a. Dr^a. Silvia Pereira Gonzaga de Moraes – UEM - Maringá

Prof^a. Dr^a. Shalimar Calegari Zanatta – UNESPAR

Data de Aprovação:

26/02/2019.

Dedico este trabalho

Ao meu casal de lindos filhos, Lukas Jorge e Ana Gabriela, que com suas pequeninas presenças demonstraram a grandeza do infinito amor entre mãe e filhos, me fazendo acreditar que este vínculo é o mais próximo da presença de Deus que podemos chegar em vida! Eles me deram a imensa força para prosseguir de cabeça erguida e permanecer em pé, mesmo diante de todas as tempestades que atravessamos neste período, estivemos sempre juntos. A vocês, meus dois inestimáveis, eu anuncio com infinito orgulho de nós: Vencemos!!!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à Deus, pai bondoso que nunca me abandonou, me guardando e me guiando principalmente nos momentos mais difíceis da vida.

Agradeço à Virgem Maria, minha mãezinha bondosa que intercedeu por mim em todos os momentos, principalmente nos que mais precisei de seu carinhoso cuidado.

Agradeço minha tão prezada orientadora Prof. Dr^a. Fátima Aparecida de Souza Francioli, pela oportunidade única e pela generosidade ímpar de me permitir caminhar ao seu lado na busca do conhecimento científico por meio da pesquisa, e do vínculo de afeto compartilhado durante nossas inúmeras vivências juntas. Muito obrigada!

Agradeço às professoras da banca examinadora, Prof. Dr^a. Sílvia Pereira Gonzaga de Moraes e Prof. Dr^a. Shalimar Calegari Zanatta, pelas valiosas contribuições e sugestões de reflexão para a elaboração deste trabalho.

Agradeço a minha família, pelo companheirismo.

Agradeço à minha companheira de estudos Lúcia Militão Cabreira Copetti, mulher exemplo em vários aspectos, pelas experiências vividas juntas, momentos de estudo e desespero, orações e desafios, a quem me apeguei e escolhi amar como uma verdadeira irmã.

Na teoria de Vygotsky, a ideia de que o significado de uma palavra evolui - que ela quer dizer coisas diferentes em diferentes estágios, refletindo, assim, os fenômenos de diversas maneiras - baseia-se na suposição de que os processos psicológicos que orientam o uso das palavras são eles próprios, sujeitos a mudança, principalmente, mediante fatores sócio - econômicos. Vygotsky acreditava, corretamente, que os estudos das mudanças de significado permitiriam aos psicólogos analisar a estrutura semântica e sistêmica da consciência (LURIA, 2013, p. 67).

ABRAHÃO, Regiane. **Linguagem e pensamento na psicologia soviética: um estudo sobre os significados das palavras em diferentes processos de realidades**. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ensino) – Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí. Orientadora: Fátima Aparecida de Souza Francioli. Paranavaí, 2019.

RESUMO

A presente pesquisa foi motivada pelo nosso desejo de compreender como alunos que vivenciam diferentes processos de realidades se apropriam dos significados das palavras. A linguagem é uma importante função psíquica superior e também um importante instrumento de mediação do ser humano, pois, desde que nascem, as crianças a assimilam como um produto sócio - histórico e usam-na para analisar, generalizar e codificar suas experiências. É importante ressaltar que as funções psíquicas superiores, são desenvolvidas nas práticas básicas da atividade do sujeito, influenciadas diretamente pela cultura existente no meio em que vive. Sob os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural, observamos como as funções psíquicas superiores, que são de origem sócio - históricas, se manifestam na consciência humana. Nesse aspecto, o objetivo foi o de buscar investigar se, o processo de realidade em que a escola está inserida pode influenciar na diferenciação de apropriação de significados de palavras, por parte dos alunos que ali frequentam. Para tanto, realizamos um estudo com alunos do 9º ano do ensino fundamental, em duas escolas localizadas em diferentes localidades, sendo: uma escola pública, localizada em um bairro de comunidade carente de assistências públicas e doações, e outra escola particular, localizada no centro da cidade, em que o perfil da comunidade não é carente de assistências públicas e doações. A pesquisa de campo foi desenvolvida por meio de instrumento de coleta de dados contendo uma sequência com 10 palavras (retiradas dos livros didáticos), 6 perguntas sobre seu grau de leitura e acesso à internet e 6 figuras geométricas para identificar os significados. Para atender ao que foi proposto, dividimos a pesquisa em quatro seções: contando a introdução como a *primeira seção*; na *segunda seção* abordamos a Teoria Histórico-Cultural, que preconiza basicamente que a humanidade apresenta mudanças em seu desenvolvimento psíquico de acordo com o processo de apropriação cultural humana, mas só podemos compreender tal desenvolvimento como algo que ocorre por meio das relações sociais de inserção do indivíduo na cultura. Tal inserção possibilitará o desenvolvimento das funções psíquicas superiores como: atenção, sensação, memória, percepção, imaginação e linguagem. Na *terceira seção* discutimos a teoria histórico-cultural e a relação entre linguagem e pensamento; os instrumentos e signos como mediadores do conhecimento; a palavra como signo da linguagem; os conceitos espontâneos e conceitos científicos, finalizando a seção com o estudo dos conceitos de generalização e abstração. Na *quarta seção*, realizamos os encaminhamentos teóricos metodológicos para a pesquisa de campo, relacionando-os ao aporte da Teoria Histórico-Cultural. Para isso, tomamos como referência princípios da investigação experimental aplicada por Luria na década de 1930. Os resultados evidenciaram a validade de que quanto mais acesso o aluno tiver aos conhecimentos academicamente elaborados, maior será seu desenvolvimento psíquico; melhor e mais adequadamente ele utilizará as palavras como representantes dos significados abstratos que deseja utilizar.

Palavras-chave: Psicologia histórico-cultural. Linguagem e pensamento. Palavra.

ABRAHÃO, Regiane. **Language and thought in soviet psychology: a study of meanigs of words in different reality processes**. 107 f. Dissertation (Master in Teaching) – State Univercity of Paraná. Supervisor: Fátima Aparecida de Souza Francioli. Paranaíba, 2019.

ABSTRACT

The present research was motivated by our desire to understand how students who experience different processes of realities appropriate the meanings of words. Language is an important higher psychic function and also an important instrument of mediation of the human being, since, since birth, children assimilate it as a socio - historical product and use it to analyze, generalize and encode their experiences. It is important to emphasize that the higher psychic functions are developed in the basic practices of the subject's activity, influenced directly by the culture existing in the environment in which he lives. Under the assumptions of Historical-Cultural Theory, we observe how the higher psychic functions, which are of socio-historical origin, are manifested in human consciousness. In this aspect, the objective was to investigate whether, the reality process in which the school is inserted can influence the differentiation of the appropriation of meanings of words, by the students who attend. To do so, we conducted a study with 9th grade students in two schools located in different locations: a public school, located in a community neighborhood lacking public assistance and donations, and another private school located in the center of the city, where the profile of the community is not lacking in public assistance and donations. The field research was developed by means of a data collection instrument containing a sequence of 10 words (taken from the textbooks), 6 questions about the degree of reading and access to the internet, and 6 geometric figures to identify the meanings. To meet what was proposed, we divided the research into four sections: counting the introduction as the first section; in the second section we address the Historical-Cultural Theory, which basically advocates that humanity presents changes in its psychic development according to the process of human cultural appropriation, but we can only understand such development as something that occurs through the social relations of insertion of the individual in the culture. Such insertion will enable the development of the higher psychic functions as: attention, sensation, memory, perception, imagination and language. In the third section we discuss the historical-cultural theory and the relationship between language and thought; the instruments and signs as mediators of knowledge; the word as a sign of language; the spontaneous concepts and scientific concepts, finishing the section with the study of the concepts of generalization and abstraction. In the fourth section, we make the theoretical methodological referrals for the field research, relating them to the contribution of the Historical-Cultural Theory. For this, we take as reference principles of the experimental research applied by Luria in the 1930s. The results showed the validity that the more access the student has to the academically elaborated knowledge, the greater his psychic development; better and more properly he will use words as representatives of the abstract meanings he wishes to use.

Keywords: historical-cultural theory; language and thoug

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Figura geométrica: retângulo.....	88
Figura 2	Figura geométrica: pentágono.....	89
Figura 3	Figura geométrica: quadrado.....	89
Figura 4	Figura geométrica: hexágono.....	89
Figura 5	Figura geométrica: círculo.....	90
Figura 6	Figura geométrica: triângulo.....	91

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Demonstrativo dos processos psíquicos pesquisados e dos procedimentos utilizados por Luria, 2013	67
Quadro 2	Pergunta 1 do instrumento de coleta de dados.....	80
Quadro 3	Pergunta 2 do instrumento de coleta de dados.....	80
Quadro 4	Pergunta 3 do instrumento de coleta de dados.....	81
Quadro 5	Pergunta 4 do instrumento de coleta de dados.....	82
Quadro 6	Pergunta 5 do instrumento de coleta de dados.....	83
Quadro 7	Pergunta 6 do instrumento de coleta de dados.....	83
Quadro 8	Lista de Palavras Aplicadas.....	85

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E AS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES.....	17
2.1	FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - ATENÇÃO.....	22
2.2	FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - SENSAÇÃO.....	26
2.3	FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - MEMÓRIA.....	30
2.4	FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - PERCEPÇÃO.....	33
2.5	FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - IMAGINAÇÃO.....	36
2.6	FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES – LINGUAGEM E PENSAMENTO.....	39
3	TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E PENSAMENTO.....	47
3.1	INSTRUMENTOS E SIGNOS COMO MEDIADORES DO CONHECIMENTO.....	50
3.2	PALAVRA COMO SIGNO DA LINGUAGEM.....	52
3.3	CONCEITOS ESPONTÂNEOS E CONCEITOS CIENTÍFICOS.....	57
3.3.1	GENERALIZAÇÃO E ABSTRAÇÃO.....	63
4	ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA DE CAMPO.....	66
4.1	PRESSUPOSTOS DA PESQUISA DE LURIA E VYGOTSKY.....	67
4.2	DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA.....	72
4.2.1	Análise dos Projetos Políticos Pedagógicos.....	79
4.2.1.1	Projeto Político Pedagógico da Instituição A (GRUPO A).....	79
4.2.1.2	Projeto Político Pedagógico da Instituição B (GRUPO B).....	80
4.3	RESULTADOS REFERENTES AOS DADOS COLETADOS ENTRE AS DUAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES.....	82
4.3.1	Análise comparativa dos resultados coletados entre duas instituições escolares.....	82
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
	REFERÊNCIAS.....	99
	APÊNDICE.....	103

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa faz parte do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Ensino: Formação Docente Interdisciplinar - PPIFOR, da Universidade Estadual do Paraná - UNESPAR - CAMPUS PARANAÍ, que se insere na linha de pesquisa Educação, História e Formação de Professores, e tem como objetivo investigar o desenvolvimento da linguagem por meio do significado das palavras, pois, acreditamos que indivíduos que vivenciam processos de realidades diferentes nomeiam também os significados delas forma diferente. Isso significa dizer, que os processos de realidades dos indivíduos, influenciam na apropriação do significado das palavras.

Esta pesquisa pode contribuir para subsidiar teoricamente, para que os professores conheçam o processo de desenvolvimento da linguagem dos alunos, e isso os ajude, no melhor direcionamento metodológico das aulas e no encaminhamento adequado dos recursos didático-pedagógicos.

Desde o início de minha trajetória docente nos anos 2000, o desenvolvimento da linguagem sempre foi de grande interesse. Comecei dando aulas de ginástica numa academia e atuava como professora de educação infantil nos anos iniciais do ensino fundamental, enquanto cursava a graduação de Educação Física. Em 2003, ano da minha conclusão de curso, fui aprovada em um concurso do Estado do Paraná e comecei a atuar como professora da disciplina de Educação Física, no Ensino Fundamental e Médio. Em 2004 passei a atender meus primeiros alunos surdos, o que me fez descobrir um grande facilidade pessoal de me comunicar com eles por meio dos sinais, me levando a atuar também como intérprete de Libras de alunos surdos inclusos na rede regular de ensino do Estado do Paraná.

Na minha prática de atuação profissional, o desenvolvimento da linguagem corporal das aulas de Educação Física contribuíram muito para o aperfeiçoamento da minha expressão corporal e prática com a Língua de Sinais, instrumento principal de interação com os alunos surdos.

Após os primeiros anos de atuação nestas duas áreas, busquei cada vez mais o aperfeiçoamento profissional cursando especializações na área da Educação - Métodos e Técnicas de Ensino, Educação Especial e Libras. Passei na proficiência e fui habilitada pelo Ministério da Educação e Cultura - MEC, para o Uso e o Ensino de Libras em território nacional por meio do exame de proficiência em Língua

Brasileira de Sinais (PROLIBRAS), este que serviu para regularizar a situação dos profissionais que, como eu, começaram a atuar no atendimento a alunos surdos antes de sancionar o decreto que estabelece a lei de Libras, o qual aconteceu no ano de 2005.

Quanto mais eu atuava na área de Libras e convivía com pessoas surdas, mais aumentava o meu interesse pelo desenvolvimento da linguagem. Como profissional, tinha que buscar as raízes de onde este processo se iniciava para maior entendimento do assunto. Decidi, então, cursar a graduação de Pedagogia, para que, com os conhecimentos específicos dessa área, eu pudesse direcionar melhor os processos pedagógicos e orientações educacionais nos meus momentos de atuação. Em 2013, iniciei meus estudos no Grupo de Pesquisa: Estudos das Teorias e Práticas Pedagógicas na Perspectiva Crítica da Educação Escolar - GTPEC, o qual tem como objetivo estudar as teorias da educação para analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas nas escolas públicas de educação básica, com ênfase nos anos iniciais do ensino fundamental e sob as perspectivas da pedagogia histórico-crítica e da psicologia histórico-cultural. Durante esse período conheci a Teoria Histórico-Cultural que respondia muitas das minhas inquietações como professora da rede pública. Isso me instigou a pensar a pesquisa na área do desenvolvimento da linguagem e também das outras funções psicológicas superiores identificadas por Vigotski¹.

Em 2016 ingressei no Programa de Desenvolvimento Educacional do Estado do Paraná - PDE, desenvolvendo um projeto na área de Educação Física e Pedagogia, fundamentado na teoria histórico-cultural, em que abordamos o desenvolvimento das funções psicológicas superiores - FPS, especificamente a atenção.

No decorrer do PDE iniciei a realização da graduação em Letras Português/Inglês pois, devido aos estudos anteriores de tradução, interpretação, desenvolvimento da linguagem e Língua de Sinais, um conhecimento cada vez maior da minha língua materna passou a ser exigido; concluí essa graduação no ano de 2017.

¹ Adotamos a grafia Vigotski para esse trabalho, porém, nas citações, manteremos a grafia utilizada nas obras citadas.

Atualmente, trabalho no curso técnico profissionalizante de Formação de Docentes (antigo magistério) onde pude colocar em prática muitos dos conhecimentos teóricos apropriados, pois considero fundamental a formação específica do professor, em todas as instâncias de atuação, principalmente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

A partir do exposto, um novo cenário passou a se desvelar e, foi nesse percurso, que surgiu a necessidade de compreender o desenvolvimento da linguagem dos sujeitos, por meio dos significados de palavras, em diferentes processos de realidades. Pois, enquanto docente observo que a grande maioria dos alunos, principalmente os jovens, está o tempo todo usando o celular, entre outros aparelhos, como tablets, notebooks, etc, e a rapidez nos meios de comunicação atuais, a facilidade de acesso a internet, aos recursos tecnológicos e a alta conectividade, é muito grande.

Esta necessidade, tornou-se uma lacuna na minha ação pedagógica, expressa no seguinte problema de pesquisa: os alunos de diferentes processos de realidades têm o mesmo nível de desenvolvimento da linguagem? Como eles compreendem o conteúdo que lhes é apresentado? Será que eles atribuem o mesmo significado para as mesmas palavras?

A busca de respostas ao problema remete à estudos que contribuam com a resolução dos questionamentos levantados. Diante dessas necessidades, encontramos na teoria histórico-cultural, especificamente na obra de Luria (2013) intitulada "*Desenvolvimento cognitivo*", o caminho para desenvolver a presente pesquisa.

O caminho que trilhamos possibilitou buscar na prática, a base para entendermos a importância da linguagem na formação social humana. Assim, devido aos estudos prévios de algumas das funções psicológicas superiores (FPS) identificadas por Vigotski observei que, a linguagem é determinante no desenvolvimento do indivíduo, e voltando este conhecimento para a área de atuação docente, o conhecimento do professor sobre isso também é muito importante para o êxito da realização do seu trabalho, considerando que na maior parte do tempo, atendemos alunos de diversos contextos e processos de realidades, desde os mais carentes aos mais abastados, que são sujeitos da mesma sociedade de modo geral.

Isso foi o que me motivou a pautar minha pesquisa na obra de Luria (2013) que, sob sugestões de L. S. Vygotsky (cuja morte ocorreu logo após a conclusão

desse trabalho), na década de 1930, sob os aportes da teoria marxista-lenista, realizou uma pesquisa em duas regiões remotas da época, Uzbequistão e Kirghizia. Nessas regiões, o pesquisador coletou dados sobre a linguagem dessas comunidades, observando as mudanças radicais na estrutura do processo cognitivo daquele povo que passava por reformas econômicas, culturais e sociais, resultante da revolução russa, ocorrida em 1917.

Luria (2013) demonstrou ao longo da sua pesquisa, que os processos mentais e manifestações são de origem sócio - históricas e ocorrem na consciência humana. São formados nas práticas básicas da atividade do sujeito, influenciados diretamente pela cultura existente no meio em que vive.

Com o objetivo de analisar o desenvolvimento da linguagem por meio do significado das palavras, essa pesquisa bibliográfica exploratória descritiva, de caráter qualitativo, trabalhará com alunos do 9º ano do ensino fundamental, de escolas que se localizam em processos de realidades bem diferentes, sendo uma escola pública, localizada em um bairro de comunidade carente e outro grupo de alunos de uma escola particular, localizada no centro da cidade, em que o perfil dos educandos é de maior poder aquisitivo.

Nesses grupos aplicamos um instrumento de coleta de dados (Apêndice A), contendo uma sequência com 10 palavras elementares (retiradas dos livros didáticos), 6 perguntas sobre seu grau de leitura e acesso à internet e 6 figuras geométricas, para identificar seus significados de acordo com cada grupo de alunos pesquisados. Posteriormente, fizemos a análise para comprovarmos se existe diferença na interpretação do significado dessas palavras por parte dos dois grupos, com a intenção de perceber como o processo de realidades diferentes pode exercer influência direta sobre a apropriação dos significados através da linguagem veiculada nesse meio. Essa pesquisa foi submetida à aprovação do Comitê Permanente em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, da Universidade Estadual de Maringá, tendo sido aprovada por meio do parecer consubstanciado do CEP, nº 2.887.409.

Justificando o título da nossa pesquisa é importante explicar que, por processos de realidade, entendemos e concordamos com Vigotski quando ele, por meio de um questionamento, responde:

Em que consiste o desenvolvimento das funções em suas conexões com os processos da realidade? Como indicou a pesquisa (LURIA, 2013), qualquer função se desenvolve e é reestruturada dentro do processo que a realiza (VIGOTSKI, 2010, p.77).

Isso significa também, que esses processos psíquicos, sempre passarão pela influência das mudanças às quais forem expostos, pois o desenvolvimento do organismo humano é constante durante toda sua vida.

Podemos conceber a linguagem como uma das mais importantes funções psíquicas superiores, pois desde que nascem, as crianças assimilam a linguagem como um produto sócio - histórico e usam-na para analisar, generalizar e codificar suas experiências (LURIA, 2013).

Desse modo, a presente pesquisa, sob os pressupostos da Teoria Histórico-Cultural busca investigar se, o processo de realidade em que a escola está inserida pode influenciar na diferenciação de apropriação de significados, por parte dos alunos que ali frequentam.

Para atender ao que foi proposto, dividimos a pesquisa em quatro seções: contando este primeiro momento de introdução como a *primeira seção*, para melhor organização do texto.

Na *segunda seção* abordamos a Teoria Histórico-Cultural, que preconiza basicamente que a humanidade apresenta mudanças em seu desenvolvimento psíquico de acordo com o processo de apropriação cultural humana, mas só podemos compreender tal desenvolvimento como algo que ocorre por meio das relações sociais de inserção do indivíduo na cultura. Tal inserção possibilitará o desenvolvimento das funções psíquicas superiores como: atenção, sensação, memória, percepção, imaginação e linguagem.

Na *terceira seção* discutimos a teoria histórico-cultural e a relação entre linguagem e pensamento; os instrumentos e signos como mediadores do conhecimento; a palavra como signo da linguagem; os conceitos espontâneos e conceitos científicos, finalizando a seção com o estudo dos conceitos de generalização e abstração.

Na *quarta seção*, realizamos os encaminhamentos teóricos metodológicos para a pesquisa de campo, relacionando-os ao aporte da teoria histórico-cultural. Para isso, tomamos como referência princípios da investigação experimental

aplicada por Luria na década de 1930. Os resultados evidenciaram a validade de que quanto mais acesso o aluno tiver aos conhecimentos academicamente elaborados, maior será seu desenvolvimento psíquico; melhor e mais adequadamente ele utilizará as palavras como representantes dos significados abstratos que deseja utilizar.

É de fundamental importância perceber, de que maneira é feito o uso do significado das palavras, observar se o mesmo signo (palavra) é utilizado para o mesmo significado em diferentes contextos, acreditamos na validade de que quanto mais acesso o aluno tiver ao conhecimento, maior será o seu desenvolvimento psíquico, melhor e mais adequadamente ele utilizará as palavras como signos dos significados abstratos que deseja utilizar.

2 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E AS FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES

Nessa seção apresentaremos parte da Teoria Histórico-Cultural, contemplando alguns de seus eixos estruturantes direcionando-os para a discussão que integra essa pesquisa.

No decorrer de seu desenvolvimento histórico, a humanidade vem apresentando mudanças em seu desenvolvimento psíquico, mas só podemos compreender tal desenvolvimento como algo que ocorre por meio das relações sociais de inserção do indivíduo na cultura. Isso pressupõe que o homem é constituído pela vida em sociedade, características que permitem saltos qualitativos no seu desenvolvimento humano.

Os homens transformam a natureza para atender suas necessidades. Tanto que criam objetos, instrumentos mais complexos, utilizando a tecnologia para a produção de bens materiais. Esse complexo processo de transformação não é natural, mas mediado historicamente pela linguagem, que se torna um instrumento, capaz de produzir o pensamento abstrato.

A estrutura da atividade mental foi estudada pelo pesquisador russo Lev Semenovitch Vigotski (1896 - 1934) que, em busca de compreender o desenvolvimento do psiquismo humano, sistematizou o que chamamos de Teoria Histórico-Cultural, identificando que todo ser humano possui funções elementares e funções psíquicas superiores que os distinguem dos animais. Os animais possuem as funções psíquicas elementares, de origem biológica como os reflexos e reações automáticas que se reproduzem sem sofrer alterações, enquanto os homens se desenvolvem constantemente ao longo da vida, aumentando sua capacidade de comunicação, atenção voluntária, percepção, entre outras funções psíquicas que, por meio da cultura vão se transformando.

De acordo com esta teoria, o ser humano ao nascer possui funções psíquicas elementares, e, na convivência com o meio social e cultural, desenvolve funções psíquicas superiores (FPS) como o pensamento, a memória, a atenção voluntária, a abstração e outras, responsáveis pelo controle consciente do comportamento. Além da linguagem, que também se apresenta como uma função psíquica superior no decorrer do desenvolvimento do indivíduo.

Nesse processo, Tosta (2012, p. 59) ressalta as considerações feitas por Vigotski a respeito das FPS:

[...] considera que as funções psicológicas superiores são constituídas ao longo da história social do homem, e esta questão fundamental leva este estudioso a postular que a aprendizagem é anterior ao processo de desenvolvimento humano, enfatizando a importância dos aspectos socioculturais na constituição do sujeito, e que o desenvolvimento é caracterizado por um processo complexo e dialético constituído por múltiplas combinações de fatores internos (biológicos) e externos (cultura). Nesta perspectiva, para a abordagem histórico-cultural o processo de internalização dos sujeitos, que parte das relações interpessoais, gradualmente é reconstruído e transformado num processo intrapessoal, do próprio sujeito.

Nesse ponto, podemos extrair as considerações apontadas por Vigotski (1995) quando define que as funções psíquicas superiores são desenvolvidas após o processo de interação entre os homens e as vivências culturais desenvolvidas no meio social. Para o autor, as funções psíquicas superiores são de origem sociocultural e emergem de processos elementares de origem biológica, logo, a teoria histórico-cultural considera que o comportamento humano é histórico e culturalmente determinado, sendo o indivíduo fruto do meio em que vive.

Outro aspecto levantado por Vigotski é que o desenvolvimento natural transforma-se em desenvolvimento social, isto significa que as funções psíquicas se desenvolvem de sua forma primária, ou elementar, para processos psicológicos superiores, mediados pelos instrumentos e signos.

Na obra intitulada “O instrumento e o signo no desenvolvimento da criança” escrita por Vigotski e Luria (2007), os autores consideram que os signos desempenham a função de instrumentos psicológicos no desenvolvimento das funções psicológicas superiores ao adquirir “[...] uma relevância funcional absolutamente singular que culmina em uma completa reorganização da conduta” (VYGOTSKY; LURIA, 2007, p. 35, tradução nossa). Quanto aos instrumentos eles os consideram como um requisito psicológico para o trabalho, qual seja, todo instrumento é resultado do desenvolvimento cultural humano “[...] libertar a mão torna-se um pré-requisito para o trabalho. Em outro sentido, torna-se a consequência de seu processo” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 88). Ou seja, o uso das mãos permitiu que o homem dominasse o meio e criasse novos instrumentos para suprir suas necessidades. Este desenvolvimento, lhe gerou demandas a serem supridas,

que se tornaram constantes, implicando no desenvolvimento dialético, qual seja, num processo de transformação e superação permanente do conhecimento historicamente desenvolvido pela humanidade.

Do mesmo modo, Vygotsky e Luria (2007, p. 51) apresentam outra consideração a respeito dos instrumentos:

Na complexa operação do uso de instrumentos e da atividade intelectual prática, essas funções - que sem dúvida desempenham um papel decisivo - não permanecem constantes ao longo da história da criança, mas passam por uma transformação complexa ao longo do desenvolvimento da criança; e não apenas muda sua estrutura interna, mas também estabelece novas relações funcionais com outros processos.

Segundo Vygotsky e Luria (2007), os instrumentos são as produções materiais, que auxiliam o homem nas atividades de trabalho, bem como nas atividades psicológicas, ou seja, "o instrumento é feito, ou buscado especialmente para certo objetivo. O machado por exemplo, corta mais e melhor que a mão humana; a vasilha permite o armazenamento de água" (OLIVEIRA, 2010), objetos próprios para cada uso cotidiano, são elementos mediadores que aumentam as possibilidades de atuação do indivíduo em seu meio ambiente. Como por exemplo, o lápis ou a caneta ao escrever, a colher para comer, o carro para se locomover, os óculos para enxergar melhor, o computador para digitar e/ou enviar documentos, todos esses instrumentos fazem a mediação do homem com o ambiente em que vive.

Os signos podem ser definidos como instrumentos de mediação que representam outros elementos, pois têm os significados, direcionados para dentro do indivíduo, norteados as ações psicológicas. A palavra "prato" é o signo de um objeto geralmente utilizado para fazer refeições, o desenho de um vestido na porta de um banheiro, é um signo que indica que ali é o banheiro feminino (OLIVEIRA, 2010).

Essa forma de pensar o desenvolvimento humano tem como premissa que toda mudança material produz mudança na consciência e no comportamento dos homens. A utilização dos signos, como atividade simbólica, produz no ser humano novas formas de comportamento social. É isso que difere as atividades humanas

das dos animais, produzindo no intelecto do homem adulto “a base do trabalho produtivo: a forma especificamente humana do uso de instrumentos” (VYGOTSKI, 2001, p. 89).

Quando Vygotsky (1995) estuda as funções psíquicas superiores, ele explica que é de fundamental importância romper com a visão da psicologia tradicional², também chamada de Associacionista, ou como Vigotski se refere, velha psicologia, o qual estuda sua estrutura separadamente, pois, “a própria nova psicologia se contrapõe conscientemente à psicologia dos elementos e sua característica mais essencial consiste em ser uma psicologia de processos íntegros” (VYGOTSKY, 1995, p. 98).

Vygotsky (1995) fez a explanação de um longo e detalhado estudo da trajetória dos métodos de análise utilizados pela psicologia, para definir os processos psíquicos elementares e os superiores, chegando então, a concluir “uma ideia nova sobre o processo psíquico em seu conjunto e de sua natureza” (VYGOTSKY, 1995, p. 121).

Sobre essa nova psicologia, Vygotsky (1995, p. 121) explica que:

O fundamento do novo ponto de vista consiste em promover para primeiro plano o significado completo, o qual possui suas propriedades particulares e determinam as propriedades e funções das partes que o integram. A diferença da velha psicologia para a qual o processo de estruturação das formas complexas do comportamento era um processo somatório mecânico de elementos isolados, a nova psicologia centra seu estudo no todo e naquelas propriedades deles que não podem deduzir-se da soma das partes. O novo ponto de vista já conta com numerosas provas experimentais que confirmam seu acerto.

Vygotsky (1995) segue explicando que o principal ponto de partida para tal estudo é o desenvolvimento cultural da criança, e que nesta trajetória encontra-se dois conceitos importantes sendo as primeiras estruturas denominadas de primitivas

² Também denominada Associacionista, tem como teóricos Edward Lee Thorndike e Arthur Irving Gates - professores de psicologia educacional da Universidade da Columbia. Esta teoria pressupõe que, homem é dotado de complexos mecanismos físicos e psicológicos organizados, toda atividade humana é uma resposta a um estímulo e, de toda ação resulta uma reação ou uma resposta a esse estímulo (VANDERLEI; SILVA; VIRGÍNIO, 2012).

ou elementares, ou seja, as estruturas biológicas da psique e, as segundas estruturas, denominadas de superiores, desenvolvidas a partir do processo cultural da criança.

A estrutura superior se distingue da inferior, pelo fato, sobretudo, de ser um todo diferenciado, em que cada uma das partes isoladas cumpre diversas funções e em que a unificação dessas partes em um processo global se produz a base de conexões funcionais duplas e relações recíprocas das funções (VYGOTSKY, 1995, p. 124).

Vygotsky (1995) defende que a análise da estrutura das funções psíquicas superiores não pode partir de um ponto de vista unicamente biológico de maturação do organismo e, tampouco, que seja visto como um processo mecânico, pois "o desenvolvimento cultural não é uma simples operação lógica" (VYGOTSKY, 1995, p. 135).

O estudo da estrutura está intrinsecamente ligado à gênese, ou origem das funções psíquicas superiores, e sobre ela Vygotsky (1995, p. 139) explica que,

A análise e a estrutura dos processos psíquicos superiores nos levam de cheio ao esclarecimento da questão básica de toda a história do desenvolvimento cultural da criança, ao esclarecimento da gênese das formas superiores do comportamento, ou seja, a origem e o desenvolvimento daquelas formas psíquicas que são objeto de nossa investigação.

Como já vimos anteriormente nos estudos de Vigotski, o autor explica sobre a profunda complexidade de determinar onde exatamente ocorre ou inicia o desenvolvimento da psique humana, inclusive ele defende que isto não pode ser explicado por exatidão mecânica. O pressuposto de sua teoria é de que, uma vez que o indivíduo tem seu aparato biológico preservado, o qual contém as funções elementares, o desenvolvimento para as funções superiores é determinado pelo convívio social e apropriação histórico-cultural.

Assim, para essa teoria, as relações sociais do indivíduo são determinantes do seu nível de desenvolvimento, ou seja, crianças com vivências de situações mais

enriquecedoras desde a tenra idade, possivelmente serão, mais e melhores desenvolvidas do que crianças com poucas relações sociais e vivências menos enriquecedoras.

Concordamos com Vigotski quando ele defende que as funções psíquicas não podem ser estudadas separadamente, como um mosaico de estruturas concretamente definidas entre si, porém, o próprio autor, identifica as principais características de algumas dessas funções, das quais ele define como funções psíquicas superiores, por isso nos interessa analisar separadamente algumas delas, com a intenção de explicitar seus significados.

Nossa explanação continuará com a abordagem das funções psíquicas superior que mais se relacionam a essa pesquisa.

2.1 FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - ATENÇÃO

Como abordamos anteriormente, as FPS, compõe um dos alicerces dos estudos de Vigotski. A partir desse subitem, daremos ênfase às funções que consideramos fundamentais para esta pesquisa e que serão suporte para as análises dos dados coletados.

Iniciaremos com a “atenção”, que nas palavras de Martins (2013, p. 141) “[...] é uma função de importância psicológica ímpar, da qual depende em alto grau a qualidade da percepção e a organização do comportamento”. No entanto, o funcionamento da atenção ocorre, primeiramente, baseada em mecanismos neurológicos inatos a ela e, vai gradualmente sendo submetida a processos de controle voluntário, em grande parte fundamentada na mediação simbólica, ou seja, por meio dos instrumentos e signos.

Os indivíduos, estão submetidos a imensa quantia de informações do ambiente. Em todas as atividades do indivíduo no meio, no entanto ocorre um processo de seleção das informações com as quais ele vai interagir; se não houvesse uma seletividade, a quantidade de informação seria tão grande e desordenada que seria inviável uma ação organizada do indivíduo no mundo.

Na atualidade, podemos observar o que chamaremos de "modismo" quando o assunto é a atenção. Os relatos demonstram que é cada vez maior o número de alunos com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) no ambiente

escolar. Nesses casos a indicação de medicamentos para "controlar" essas situações são mais assustadoras ainda. Martins (2013, p. 143) identifica que "as interpretações de que o desenvolvimento da atenção é um processo de mecanismos estritamente cerebrais, corrobora com a medicalização dos indivíduos, sobretudo das crianças, quando suas reações atencionais fogem aos padrões esperados".

Dados da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA (BRASIL, 2013), mostram que o consumo de metilfenidato, (popularmente conhecido como ritalina) é a droga mais utilizada para tratar casos diagnosticados com transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) em crianças de 6 a 16 anos, cresceu 75% no Brasil, entre os anos de 2009 e 2011 (LEITE, 2015).

Isto significa, que de acordo com o que entendemos das colocações de Martins (2013), a atenção voluntária, tem sido tratada como um processo puramente mecânico e medicamentoso, e que, se o aluno não presta atenção na aula, basta tomar um remédio que a atenção voluntária acontecerá, mas se, nos pautarmos na teoria de Vigotski, saberemos que não é dessa maneira que ocorre. Martins (2013, p.143) explica que:

Vygotsky (1996) demonstrou que a atenção responde a um complexo processo de desenvolvimento, constituindo-se como traço imanente do desenvolvimento cultural da humanidade, ultrapassando estágios primitivos em direção a estágios altamente organizados e complexos. A luta pela vida, as formas de relação entre o homem e a natureza consubstanciadas na forma de trabalho impuseram-se como fatores determinantes do desenvolvimento psíquico e, imperiosamente, exigiram transformações nas expressões naturais da atenção.

Constata-se que para Vygotsky e Luria (1996) a atenção é a função mais importante na vida do indivíduo, pois ajuda na organização do comportamento e quando um determinado contexto é criado, ela é responsável por preparar o indivíduo para a percepção ou para a atividade, pois como citamos anteriormente, não existe uma separação exata entre as FPS, pois elas estão intimamente interligadas.

Outro aspecto levantado por Vigotski é que existem dois tipos de atenção (a natural e a cultural). A primeira é a atenção natural; como o próprio nome sugere é despertada de maneira instintiva, ou seja, quando uma luz forte brilha

repentinamente, a atenção do indivíduo é rapidamente voltada para tal estímulo gerando o comportamento e olhar para o referido estímulo. Porém, quando o estímulo diminui a atenção do indivíduo também diminui fazendo com que deixe de prestar atenção naquilo. Este comportamento surge de maneira orgânica e natural no homem (VYGOTSKY; LURIA, 1996).

Vygotsky e Luria (1996) argumentam que esse tipo de atenção natural involuntária, não satisfaz as exigências sociais, coletivas e do trabalho. Não organiza o comportamento de longo do prazo e não é capaz de resolver uma determinada tarefa, uma vez que a cada novo estímulo, o contexto anterior seria destruído. Faz-se necessário, portanto outros mecanismos, adquiridos artificialmente, outra forma de atenção: a atenção voluntária, intencional cultural – condição para o trabalho e para a vida social.

A despeito disso Vygotsky; Luria (1996) também discorre sobre a atenção cultural, que pode ser chamada de atenção voluntária ou artificial, fundamental por exemplo, para a realização de um trabalho onde o sujeito toma a decisão de prestar atenção em um determinado assunto ou movimento diante da necessidade de cumprir tal atividade. Também podemos tomar como exemplo o caso de alunos na escola, que podem ser mobilizados a prender sua atenção em determinada tarefa até que ela seja devidamente concluída.

A atenção é uma função de importância psicológica impar, da qual depende em alto grau a qualidade de percepção e a organização do comportamento. Atenção e percepção operam em íntima unidade, em uma relação de qualidade recíproca, isto é, a atenção corrobora a acuidade perceptiva tanto quanto o campo perceptual mobiliza a atenção. Considerando que todo foco é limitativo, ou seja, destaca apenas uma parcela da realidade perceptual, sua ampliação se torna, inclusive, necessária à qualidade da atenção. Portanto, a atenção é um processo dinâmico e altamente complexo que pressupõe contínuos deslocamentos, ademais, pelos próprios limites de se apreender da realidade, exterior e/ou interior - muita coisa ao mesmíssimo tempo. Tais deslocamentos, por sua vez, são condicionados pela atividade em curso, em relação à qual se definem os 'níveis de atenção' (MARTINS, 2013, p. 148).

Para Martins (2013), Luria considera que existem dois campos em que a atenção é distribuída, o "campo de atenção nítida" e o "campo de atenção difusa". O

volume da atenção, a quantidade de objetos simultaneamente apreendido com nitidez, são gerados devido a intensidade e a concentração, ou seja, a delimitação de um foco é resultado da intensidade da atenção, pois é dela que advém a possibilidade de direção de alguns estímulos em detrimento de outros, que nesse caso, são abstraídos.

A autora segue explicando que a referência da automatização de ações que são fundadas na não atração da atenção, pois à medida que as atitudes se tornam automatizadas, são desenvolvidas sem a consciência da atitude, porém seu objetivo principal é atingido e este sim continua conscientizado. Tomemos como exemplo a atitude de dirigir. Quando se está aprendendo a dirigir, a atenção é bem focada em todos os movimentos que se faz, mas depois de algum tempo esta atitude é automatizada, e apesar do sujeito, naquele momento, estar desenvolvendo a atitude de dirigir, ele não prende mais a atenção a cada detalhe dos movimentos que faz.

Desde a mais tenra infância, podemos observar as características da atenção no indivíduo. Desde os primeiros contatos da criança com os adultos ao seu redor, já existe o desenvolvimento cultural da atenção que acompanha todo o desenvolvimento do indivíduo.

Diferentemente da atenção involuntária; mobilizada pelas propriedades dos objetos e, portanto, subjugada nos ditames de condições externas; a atenção voluntária tem origem em motivos e finalidades estabelecidos conscientemente pelo indivíduo em face das exigências das atividades empreendidas. Por conseguinte, seu desenvolvimento se realiza não a partir da atenção em si mesma, mas do lugar que a atenção passa a ocupar em relação ao pensamento, à memória, aos afetos, etc., ou seja, das inter-relações e interdependências funcionais requeridas pela atividade cultural. Nesse sentido, seu desenvolvimento é, ao mesmo tempo, produto da complexificação da vida social e condição indispensável à sua exigência (MARTINS, 2013, p. 152).

Determinadas pelas influencias culturais, a criança modifica seu comportamento em consequência das necessidades impostas pela atividade dominante. Sendo assim a atenção é a função psíquica reguladora do comportamento, mediada por outras funções como a percepção, a memória, e o pensamento, que internamente colaboram no processo de aprendizagem. Sendo

assim, Vygotsky e Luria (1996) evidenciam a necessidade de mecanismos adquiridos artificialmente pela mediação dos conceitos culturais historicamente produzidos, de modo que mobilize o desenvolvimento das habilidades e capacidades dos indivíduos.

Leite (2015) entende que a FPS "atenção" não depende exclusivamente do funcionamento cerebral do indivíduo ou da maturação do organismo do sujeito, pois assim, apenas a indicação de medicamentos bastaria para que ele agisse de maneira considerada adequada para o ambiente escolar. Ela acredita que a partir da educação é possível dar possibilidades de formação de ações de controle do comportamento e da atenção. Ao referir-se à atenção, a autora cita alguns autores como Galperin (1987) e Perez (1982) entre outros, que apontam que, em uma perspectiva da psicologia histórico-cultural, tanto a atenção como as demais funções psicológicas superiores, podem contar com estratégias apropriadas para sua formação. Esta forma de conceber o desenvolvimento da atenção é importante para superar o entendimento medicalizado da atenção.

2.2. FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - SENSAÇÃO

Martins (2013, p. 122), considera que as sensações são a "porta de entrada para o mundo da consciência", acredita-se que esta afirmação é, de fato, verdadeira, pois faz um amplo sentido que o ser humano perceba o mundo, primeiramente, por meio das sensações para posteriormente utilizar-se de outras funções psicológicas superiores ao interpretar e assimilar tal conhecimento. Como o próprio nome sugere as sensações são formadas pelos *sentidos* humanos, cuja "as captações sensoriais do mundo despontam como requisito primário na relação entre sujeito e objeto" (MARTINS, 2013, p. 122).

Em continuidade ao posicionamento anterior, a autora destaca outras características da sensação abordadas por Smirnov³ *et al.* (1960 apud MARTINS, 2013):

³ Anatoli Smirnov não se associou explicitamente a nenhuma das quatro escolas psicológicas existentes na antiga URSS. Durante muitos anos ele foi o Diretor do Instituto de Psicologia de Moscou, o que em parte pode justificar sua "neutralidade". Analisando a

[...] a sensação reflete as qualidades isoladas dos objetos e fenômenos do mundo material as quais atuam diretamente sobre os órgãos dos sentidos. Como requisito primário no tratamento dispensado pelo organismo aos estímulos do meio, o processo sensorial assenta-se, do ponto de partida (isto é, de sua gênese), em bases essencialmente naturais, representadas fundamentalmente pelos *analísadores*. São eles que, na qualidade de substratos fisiológicos, operam de modo decisivo na responsividade do organismo à estimulação da matéria, resultando em diferentes tipos de sensação. Os analisadores são constituídos por: receptores, responsáveis pela captação do estímulo; nervos aferentes (óticos, acústicos, olfativos, táteis e gustativos), que condizem a excitação aos centros nervosos e pelas zonas cerebrais (corticais e subcorticais) de elaboração do impulso e correspondente resposta. (MARTINS, 2013, p. 122-123, grifo da autora)

Os órgãos dos sentidos mais conhecidos são os cinco externos, ou seja, visão, audição, olfato, tato e paladar, eles são os *analísadores* citados pela autora que "possuem importância essencial na organização sensorial, orientando suas diferentes formas de expressão, do que resulta que as sensações sejam classificadas segundo o analisador que as realiza e pelos estímulos que refletem" (MARTINS, 2013, p. 123). Como exemplos de analisadores podemos citar, os estímulos acústicos, barulhos captados pelos ouvidos; luzes e cores, estímulos visuais captados pelos olhos; aromas e odores, estímulos olfativos captados pelo nariz, etc.

Segundo Martins (2013), a formação dos órgãos dos sentidos depende diretamente dos estímulos ambientais, e não apenas de uma base fisiológica⁴, a *cultura sensorial* ao qual ficam expostos, é determinante no seu desenvolvimento, isto ocorre nos planos ontogenético⁵ e filogenético⁶ do ser humano. Significa que mesmo com os analisadores plenamente formados, operando como canais de acesso ao mundo externo, se não existir a devida estimulação, este organismo entra

produção do autor, no entanto, pode-se inferir que sua produção está fortemente calcada nas proposições de Vigotski (ALMEIDA, 1999).

⁴ Uma série de componentes interconectados que servem para manter o parâmetro físico ou químico do corpo, ou seja, o funcionamento do organismo (POWERS; HOWLEY, 2000).

⁵ Plano genético definido por Vigotski que estuda a evolução do indivíduo humano (VYGOTSKY; LURIA, 1996).

⁶ Plano genético definido por Vigotski que estuda a evolução da espécie humana (VYGOTSKY; LURIA, 1996).

em estado de adormecimento, chegando inclusive a atrofiar determinando a perda deste sentido.

Como exemplo e, pela nossa experiência docente, podemos citar a situação das pessoas surdas, que em sua grande maioria não são mudas, pois têm seu aparelho fonador totalmente preservado, não aprendem a falar pelo fato de não escutarem, não recebendo assim, os estímulos acústicos necessários para o processamento da fala.

Para confirmar suas análises, Martins recorre a Leontiev (1978) que escreveu:

[...] filogeneticamente, a resposta específica de cada órgão dos sentidos aos estímulos advém das repetidas relações que estabeleceram entre si por exigência das atividades que vincularam o homem ao mundo. O desenvolvimento histórico conduziu ao surgimento de diferentes tipos de estímulos bem como à necessidade de sua discriminação e, nesse processo, a atividade prática, em especial o trabalho, desempenhou um papel decisivo. Conseqüentemente, a própria exigência de preservação da vida que, progressivamente, assumiu a forma de trabalho determinou o desenvolvimento das sensações (MARTINS, 2013, p. 126).

De acordo com os estudos de Smirnov *et al.* (1960 apud MARTINS, 2013) os analisadores já são bastante aflorados desde o nascimento do bebê, viabilizando à criança interação com o ambiente e com os adultos, por meio de respostas dos sentidos do tato, da visão, da audição, do paladar e olfato, e também, das respostas fisiológicas como fome, sede, choro, sorrisos e movimentos. Porém, com o passar do tempo e os devidos estímulos, estas (re)ações tornam-se cada vez mais conscientes e propositais, assumindo o papel de expressão dos desejos do pequeno humano, ao invés de simplesmente reflexos inconscientes ao meio externo.

Em suma, o desenvolvimento das sensações de cada indivíduo condiciona-se, por conseguinte, pela relação sujeito e objeto, ou seja, pelos diferentes aspectos de sua atividade e, sobretudo, por situações nas quais o êxito da execução da ação depende da diferenciação das propriedades sensoriais do objeto. Esse fato demanda ter-se a sensação também, como objeto da educação desde a mais tenra idade (MARTINS, 2013, p. 129).

Entendemos também, que a inexistência de estímulos externos, como por exemplo, a falta de sons para pessoas surdas, pode evitar que esse desenvolvimento aconteça, sendo necessário, a adequação de outros meios para que a educação formal se desenvolva. Em nossa vivência com alunos da modalidade de Educação Especial, com alunos surdos, entre outros, observamos claramente no seu processo educativo, que eles precisam de algum tipo de adaptação e/ou recursos metodológicos próprios para o desempenho de suas atividades escolares e, também, de uma forma específica de comunicação, a Língua Brasileira de Sinais (Libras).

Este pressuposto fica evidente nos alunos surdos que encontram na língua de sinais, o meio próprio de comunicação, manifestação de suas opiniões, experiências e emancipação, mas para que isso ocorra, é necessário que os profissionais da instituição de ensino que eles frequentam também dominem esta especial forma de comunicação, para que a língua de sinais seja a via sensorial alternativa de desenvolvimento compensatório citada pela autora.

Continuando nossa exemplificação, no caso de alunos cegos, estes percorrem o mesmo processo de desenvolvimento compensatório por meio do Método Braille, que é o código de escrita sistematizada próprio das pessoas que não enxergam ou que têm baixa visão. Podemos observar no ambiente escolar, que estes alunos de fato, não têm problemas de aprendizagem, isto quer dizer que seu desenvolvimento cognitivo é, na maioria das vezes, altamente preservado, mas devido ao acesso restrito de informações e comunicação com o meio externo, a manifestação de seu processo de desenvolvimento fica muito restrito, a depender do nível de comunicação proporcionado desde o ambiente familiar.

Isto quer dizer que, para que as vias sensoriais alternativas de desenvolvimento atinjam o nível adequado de desenvolvimento compensatório destes indivíduos, os ambientes e pessoas que com eles convivem devem estimulá-los adequadamente, para que, de fato, mesmo com uma necessidade especial, possam se desenvolver plenamente, como defende Martins (2013).

Entendemos que, a mobilização externa, por meio da mediação adequada de conhecimentos e vivências enriquecedoras do meio cultural em que vive, são de fundamental importância para o desenvolvimento do indivíduo, tenha ele necessidades especiais ou não.

2.3. FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - MEMÓRIA

De acordo com Vigotski (1995), a psicologia sempre considerou a memória como uma função orgânica, determinando que esta tem bases fisiológicas, e que a partir do momento em que uma definição específica foi aceita, os psicólogos passaram então, a elaborar as técnicas de memorização, com os mais variados objetivos e princípios, mas que só se tornaram possíveis por meio do conhecimento sobre esta tão importante função psicológica superior. O autor ainda explica que:

Segundo E. Hering a memória é a propriedade fundamental de toda a matéria organizada. Com efeito, a plasticidade de nossa substancia nervosa se manifesta em sua capacidade de modificar-se pelo influxo de estímulos e conservar a predisposição para que estes se repitam. Este fato tem permitido comparar figuradamente a memorização com a abertura de vias nervosas que parecem as marcas desenhadas pelo movimento das rodas no caminho ou as dobras que se formam no papel quando se amassa (VYGOTSKY, 1995, p. 247).

A autora segue explicando que as atividades de memorização, consistem então, nesta dinâmica de formação e dissolução de padrões neurais, que podem ser ativados repetidas vezes ou não. Caso sejam ativados constantemente, isto forma uma lembrança fixa e armazenada no cérebro, "caso esse conjunto funcional de neurônios não seja reutilizado, ele se dilui sem deixar marcas" (MARTINS, 2013, p. 155). O que nos faz concluir, que esta pode ser uma das explicações para os "esquecimentos", principalmente, os da primeira infância, que é a fase em que a criança aprende e apreende tantos conhecimentos, mas depois de certa idade não se recorda mais de fatos que aconteceram naquela primeira fase de sua vida.

Vigotski e Luria (1996) deixam claro em seus estudos, como a memória é desenvolvida culturalmente, e que não depende exclusivamente do funcionamento de determinada área do cérebro. Oliveira (2010) ressalta que, para Vigotski a plasticidade do sistema nervoso deve superar a visão de um fenômeno puramente biológico, integrando o indivíduo em corpo e mente.

Por conseguinte, conforme observado por Vigotski e Luria (1996, p. 186), o desenvolvimento da memória não é linear, mas um processo bastante complexo:

[...] uma como outras dessas crianças possuem em geral memória semelhante, mas a utilizam de modos diferentes ambas possuem memória, mas a mais velha sabe como utilizá-la. É essa transição de formas naturais de memória para formas culturais que constitui o desenvolvimento da memória para o adulto.

Vigotski (1995) afirma ainda que, pelo conhecimento até então sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores da criança, pode-se dizer que existe um processo de domínio da memória, chamado de memorização mnemotécnica, que se dá por meio de estímulos-signos externos. Porém, na criança, tal processo somente ocorre gradualmente, com o decorrer dos anos, e só a medida que seu desenvolvimento cultural aumenta.

Nessa mesma direção Martins (2013, p. 161) afirma que,

Luria destacou, que apesar de diferentes mecanismos fisiológicos operarem sobre a memória de curto ou de longo alcance, a memorização atende, sobretudo, à influência de três fatores: organização semântica, estrutura da atividade e peculiaridades individuais. Foram as investigações acerca dos fatores operantes na memorização em geral, isto é, independentemente da existência ou não da intenção de memorizar, que conduziram à distinção entre 'memória imediata', involuntária, e 'memória mediada', voluntária.

A autora reforça que a memorização mediada é conquistada, predominantemente na idade escolar, devido ao processo de educação sistematizados, ou educação formal, e isto progressivamente vai se convertendo de memória objetiva em memória lógica.

Vigotski (1995, p. 174), lança um questionamento muito importante sobre isto:

[...] Apesar dos numerosos trabalhos experimentais, a questão fundamental permanece sem solução - e permanece controversa: a memória se desenvolve na infância em um grau considerável ou permanece estagnada ao longo dessa idade, oscilando de forma insignificante? Ou, finalmente, como muitos dados mostram, ela se degrada, sofre uma involução e diminui em certo sentido à medida que a criança cresce e se desenvolve? Em nossa opinião, este debate fundamental só pode ser resolvido se as duas linhas no

desenvolvimento da memória que acabamos de mencionar estiverem separadas.

As duas linhas a que Vigotski se refere são os estudos sobre "memória natural" e "memória cultural", também encontramos as nomenclaturas de "memória imediata" e "memória mediada", ou ainda "memória involuntária" e "memória voluntária", a depender da consideração do autor que sobre ela (a memória) escreve.

Oliveira (2010) destaca que, na concepção vigotskiana a respeito do ser humano, a memória natural, no gênero humano, é parecida com a memória existente nos animais, ou seja, refere-se ao registro involuntário de experiências vividas anteriormente. Já a memória mediada passa por um processo um pouco diferente. Ela também conta com o registro de experiências para um uso posterior, contudo, inclui uma ação voluntária por conta do indivíduo, apoiando-se em elementos mediadores para que se recorde de conteúdos específicos.

Para a autora a memória mediada permite ao indivíduo controlar seu próprio comportamento, por meio da utilização de instrumentos e signos que provoquem a lembrança do conteúdo a ser recuperado, de forma deliberada. Os indivíduos desenvolvem variadas formas de utilização de signos, com o intuito de apoiar a memória, ou seja, o uso de calendários, agendas, listas de compras, etc. Consequentemente, a capacidade de memorização aumenta e a sua relação com conteúdos culturais fica facilmente estabelecida, facilitando assim, os processos de aprendizado.

Assim, podemos observar que, para Vigotski, as funções psíquicas superiores, próprias do ser humano, são, por um lado, apoiadas nas características biológicas da espécie humana e, por outro lado, construídas ao longo de sua história social, é enquanto ser social que o homem cria suas formas de ação no mundo e as relações complexas, possibilitando, assim, o desenvolvimento das funções psíquicas superiores. Para desenvolver-se plenamente, o homem necessita, assim, dos mecanismos de aprendizado que ampliarão seus processos de desenvolvimento.

2.4. FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - PERCEPÇÃO

O desenvolvimento da percepção está intimamente ligado ao desenvolvimento do indivíduo como um todo, pois esta, não pode ser entendida como uma função psíquica de amadurecimento isolado, ou seja, a percepção de uma criança é nitidamente menos desenvolvida que a de um adulto, isto pelo fato de que o segundo, já passou por determinadas experiências histórico-sociais que o proporcionam uma melhor *percepção* da realidade, seja ela em qualquer contexto.

A abordagem de Vigotski é centrada no fato de que, ao longo do desenvolvimento humano, a percepção torna-se um processo cada vez mais complexo, que se distancia das determinações fisiológicas dos órgãos sensoriais embora, obviamente, continue a basear-se nas possibilidades desses órgãos físicos. Para Oliveira (2010, p. 73), “a mediação simbólica e a origem sociocultural dos processos psicológicos superiores são pressupostos fundamentais para explicar o funcionamento da percepção”.

Vigotski e Luria (1996, p. 157), explicam que a criança passa seu primeiro período de vida como um "ser orgânico", não humanizado ainda, pois em seu período de vida intrauterino passou sem contato direto com os estímulos externos, por isso, se passa muito tempo até que ela alcance o mesmo nível de desenvolvimento de um adulto. Para a criança, nos primeiros anos de vida, falta principalmente a *percepção espacial*, pois ela tenta pegar, por exemplo, as estrelas no céu, ou pessoas no alto de um prédio, sem perceber que aquilo, não está ao alcance tátil dela, por isso, nesta faixa etária, na escola, costuma-se trabalhar com materiais manipuláveis, grandes e de fácil manipulação pelos pequenos.

O processo de formação completo da percepção, tal qual de um adulto, se dá depois de uma lenta e longa evolução, devido à imaturidade do organismo infantil, a criança acredita ingenuamente em tudo que vê e com o passar do tempo, da evolução e do amadurecimento dela, esta percepção vai sendo "corrigida" até adaptar-se às condições do mundo exterior (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 158)

Vigotski e Luria (1996) cita os estudos de Major⁷ (1906, apud VYGOTSKY; LURIA, 1996), que realizou experimentos com imagens para observar as atitudes das crianças, identificando por meio deles três estágios:

Primeiro, a criança não trata a figura como um retrato (primeiro estágio); trata-a simplesmente como um pedaço de papel multicolorido, pega-o e rasga-o. O segundo estágio vem quando os mecanismos anteriormente descritos, parecem começar a dominar; a criança começa a perceber o conteúdo da figura como imagem e começa a tratar as coisas ali desenhadas como "reais". Tenta pegá-las, falar com elas - numa palavra, não faz distinção alguma entre as coisas reais e sua representação. Muito mais tarde, começa o terceiro estágio; a criança começa a distinguir as coisas reais de suas representações e sua atitude para com cada uma delas e começa a ser muito diferente. Contudo, esse terceiro estágio começa muito tarde e podemos dizer que a vida psicológica da criança nas primeiras fases de seu desenvolvimento caracteriza-se particularmente pelas manifestações que são semelhantes ao comportamento aqui registrado e origina-se da diferenciação insuficiente de estímulos pela criança (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p.160).

Luria (2013), explica que a percepção depende de práticas humanas historicamente estabelecidas, que, estruturalmente, pode influenciar a decisão de situar os objetos percebidos em categorias apropriadas, e também pode alterar os sistemas de codificação usados no processamento de informação.

Martins (2013) explica que, as condições nas quais a percepção ocorre exercem influência determinante na autonomia deste processo, incluindo a atividade que esta integra e seu ponto de vista biológico. Os conhecimentos acerca dos objetos destacam-se como caráter muito importante para o desenvolvimento da percepção, pois este é um dos mecanismos para sua formação. Ela destaca ainda que:

Em compensação, tais aprendizagens não ocorrem com base apenas na percepção. Nesse processo, é imprescindível a intervenção da *palavra* que denomina o signo, abrindo as

⁷ David. R. Major, 1866 -1936, psiquiatra clínico, PhD. Autor da obra Primeiros passos no crescimento mental (tradução nossa), entre outras (MAJOR, 2013).

possibilidades para que a percepção utilize conhecimentos de propriedades dos objetos com a mesma denominação verbal; sendo esse requisito primário para a generalização e a formação de conceitos. Portanto, a percepção atende a um processo formativo sob decisiva influência da linguagem que, sobretudo, fixa a experiência histórico-social e enriquece o intercâmbio entre os homens. Com o desenvolvimento da linguagem e do pensamento são adquiridos conhecimentos sobre os objetos, que retroagem na qualidade da percepção. É exatamente a construção de conhecimentos que, conclamando também a atenção, a memória, a imaginação, a emoção e os sentimentos, confere à percepção um de seus mais importantes atributos: integrar a formação da consciência. (MARTINS, 2013, p. 140, grifo da autora)

Oliveira (2012, p. 73), aponta um exemplo bem claro dessa questão:

Assim, por exemplo, quando olhamos para um par de óculos, não vemos “duas coisas redondas, ligadas entre si por uma tira horizontal e com duas tiras mais longas presas na parte lateral”, mas vemos, imediatamente, um par de óculos. Isto é, nossa relação perceptual com o mundo não se dá em termos de atributos físicos isolados, mas em termos de objetos, eventos e situações rotulados pela linguagem e categorizados pela cultura. A função dos óculos, as situações concretas em que nos acostumamos a interagir com esse objeto, o lugar que ele ocupa nas atividades que desenvolvemos habitualmente, são características que vão interagir com os dados sensoriais que obtemos quando nosso sistema visual capta esse objeto que aprendemos a reconhecer como óculos.

A percepção age, portanto, num sistema que envolve outras funções. Ao percebermos elementos do mundo real, fazemos inferências baseadas em conhecimentos adquiridos previamente e em informações sobre a situação presente, interpretando os dados perceptuais à luz de outros conteúdos psicológicos.

Podemos então afirmar que a função psíquica percepção depende da formação sócio - histórica do indivíduo. Ela não pode ser entendida apenas como uma ramificação mais complexa da função psíquica sensação, que inicialmente é qual capta os estímulos do meio externo, como já explanamos anteriormente.

2.5. FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - IMAGINAÇÃO

A imaginação é uma das funções psíquicas superiores identificadas por Vigotski em seus estudos sobre o desenvolvimento do psiquismo na infância dentro da teoria histórico-cultural. Ele afirma que a imaginação está diretamente ligada ao desenvolvimento da linguagem e do pensamento, afirmando que:

é impossível expressar de modo mais claro e profundo a idéia de que a imaginação e o pensamento, em seu desenvolvimento, são contrários cuja unidade já está contida na generalização mais primária, no primeiro conceito que o homem forma (VIGOTSKI, 2001. p. 95).

Sobre isso as autoras Bernardes e Asbahr (2007) citam que as pesquisas de Vigotski, mostraram que,

[...] não só a linguagem, mas a vida posterior da criança está a serviço do desenvolvimento de sua imaginação; tal papel é desempenhado, por exemplo, pela escola, onde a criança pode pensar minuciosamente sobre algo de forma imaginada, antes de levá-lo a cabo (VYGOTSKI, 1999, p. 122 *apud* BERNARDES; ASBAHR, 2007, p. 331).

As autoras explicam que Vigotski defende que as primeiras formas de imaginação são estabelecidas na idade escolar, pois é o momento em que a criança pode "sonhar", criar livremente, sem relação com a realidade, e esta criação pode ser de um nível de consciência próprio, além disso, alguns elementos ajudam na fundação do desenvolvimento da imaginação, como por exemplo, a percepção, a memória, o pensamento e a linguagem.

No período da escolarização, a imaginação relaciona-se à formação de conceitos, considerada como um fator de extrema importância para o desenvolvimento das diversas e complexas relações entre o pensamento conceitual e os elementos da realidade objetiva. Além da relação estabelecida com o *conjunto complexo de vivências*

anteriores possibilitadas pelas relações interpessoais da criança e da linguagem como instrumento mediador na constituição do pensamento conceitual (BERNARDES; ASBAHR, 2007, p. 331, grifo das autoras)

Martins (2013, p. 226), explica a imaginação como sendo "qualquer processo que se desenvolve por meio de imagens", sendo assim, todos os processos funcionais acabam por ser também de cunho imaginativo em algum aspecto. Mas, que depende também do desenvolvimento da linguagem, do pensamento e dos sentimentos. Ou seja, a imaginação é um processo que ocorre de dentro para fora, pois cria no interior do psiquismo do indivíduo uma "realidade/situação" externa que ele ainda, ou de fato, não vivenciou, por isso, ela depende do desenvolvimento de outras funções psicológicas superiores, caso contrário, isoladamente ela não conseguiria existir.

Uma vez que todos os processos funcionais são, de certo modo, processos imaginativos, a singularidade da imaginação reside em que, nela, as imagens das experiências prévias se alteram, produzindo outras e novas imagens. Trata-se de uma atividade mental que modifica as conexões já estabelecidas entre imagem e objeto, produzindo outra imagem figurativa. A imagem assim produzida pode operar como modelo psíquico a ser conquistado como produto da atividade orientada por ele, ou seja, por meio desse processo se constrói a imagem antecipada do produto da atividade (MARTINS, 2013, p. 227).

Luria (2013) em sua pesquisa realizada com camponeses pouco escolarizados na década de 1930, conseguiu identificar que a imaginação não pode ser confundida, tampouco igualada com a fantasia, pois esta segunda é vaga e de poucas referências. O autor afirma ainda que, de acordo com a psicologia moderna⁸, a imaginação pode ser separada em reprodutiva ou criativa, e que ela está diretamente ligada à experiência prática do indivíduo, podendo ocorrer dentro de um sistema de pensamento lógico-verbal.

⁸ Vygotsky acreditava que a psicologia dos meados da década de 20 estava atravessando uma crise que produziu uma separação do campo em duas disciplinas desconectadas, isto gerou o início do que chamamos de psicologia moderna (LURIA, 2013, com contribuições da autora).

Ao analisarem os estudos de Vigotski a respeito da imaginação, Bernardes e Asbahr (2007, p. 332) constatam que para o autor:

[...] existe uma relação direta entre a imaginação e a emoção, fato presente na construção das fantasias e situações próprias criadas pela criança pequena no movimento de apropriação da realidade objetiva. A relação entre a imaginação e a emoção com o pensamento e a linguagem, memória, percepção e atenção como sistema integrado é objeto que necessita ser investigado nas pesquisas educacionais. As pesquisas realizadas por Vygotsky, Luria e Leontiev identificam a influência determinante do acesso sistematizado ao conhecimento elaborado sócio-historicamente no desenvolvimento infantil e dos sujeitos em geral.

Podemos então, entender por meio desta citação, o quanto é de fundamental importância que a criança frequente o meio escolar, pois é lá que ela terá acesso ao ensino sistematizado e a educação formal. O ensino escolar por proporcionar à criança vivências com um grau de complexidade diferenciado lhe possibilita a apropriação do conhecimento científico, tornando-se assim o instrumento mais adequado para que a "criança obtenha estímulos para desenvolver as habilidades e capacidades essencialmente humanas, desde que ele seja devidamente organizado" (BERNARDES; ASBAHR, 2007, p. 332).

Com relação à atividade escolar, é interessante destacar que a interação entre os alunos também provoca modificações no comportamento das crianças. Segundo Oliveira (2010) os grupos de crianças sempre são heterogêneos quanto ao conhecimento já adquirido nas diversas áreas, e uma criança mais avançada num determinado assunto pode contribuir para o desenvolvimento das demais. Assim como um adulto, uma criança também pode servir como mediadora entre outras crianças e as ações e significados estabelecidos como relevantes no interior da cultura.

A imaginação transforma-se em meio de ampliação da experiência de um indivíduo porque, tendo por base a narração ou a descrição de outrem, ele pode imaginar o que não viu o que não vivenciou diretamente em sua experiência pessoal. A pessoa não se restringe ao círculo e a limites estreitos de sua própria experiência, mas pode aventurar-se para além deles, assimilando, com a ajuda da

imaginação, as experiências históricas ou sociais alheias (VIGOTSKI, 2009, p. 25).

Vigotski mostra que o processo de imaginar é fundamental na formação dos conceitos, no desenvolvimento humano. E a função mais importante da imaginação seria a capacidade de ampliação das experiências para um indivíduo. Esses modos de participação das crianças na cultura fazem com que seja possível a elas internalizar, elaborar e projetar conhecimentos, afetos e relações.

2.6. FUNÇÕES PSÍQUICAS SUPERIORES - LINGUAGEM E PENSAMENTO

Neste momento, faremos apenas uma breve abordagem sobre linguagem e pensamento enquanto funções psicológicas superiores, porém, na próxima seção, eles serão contemplados de maneira mais ampla e direcionada ao propósito da pesquisa.

Para Vigotski (1994), a cultura não se constitui em um sistema estático, mas em um sistema ao quais os indivíduos estão em constante processo, no qual ocorre a recriação e a ressignificação de informações, conceitos e significados. Isso se deve ao fato de que os significados das palavras são dinâmicos e não estáticos, isto é, liberam-se à medida que os sujeitos se desenvolvem e conforme as diferentes formas pelas quais o pensamento funciona.

É fundamental neste ponto considerar o conceito de pensamento verbal do autor:

O pensamento verbal não é uma forma de comportamento natural e inata, mas é determinada por um processo histórico-cultural e tem propriedades e leis específicas que não podem ser encontradas nas formas naturais de pensamento e fala (VYGOTSKY, 2005, p.44).

O autor destaca ainda que a relação entre pensamento e palavra se constitui em um processo contínuo, dinâmico, pois, para ele,

o pensamento não é simplesmente expresso em palavras; é por meio delas que ele passa a existir. Cada pensamento tende a relacionar alguma coisa com a outra, e estabelecer uma relação entre as coisas” (VYGOTSKY, 2005, p. 89).

A criança e o jovem, eventualmente, se deparam com o fato de que os diferentes discursos utilizados por eles em suas comunidades, não são vivenciados no espaço escolar, e isto pode gerar sintomas de angústia. Oliveira (2010) aponta que essas diferenças culturais e linguísticas em situações de, como: falar, escrever, pronunciar as palavras, são dúvidas e questionamentos que se fazem presentes no cotidiano desses sujeitos, que buscam no espaço educativo uma mudança para sua situação de vida econômica, social e cultural. A autora, também destaca que, com os estudos de Vigotski, podemos compreender a relação entre a linguagem, o desenvolvimento do sujeito e sua aprendizagem, considerando o processo histórico-cultural e o papel da intervenção social (OLIVEIRA, 2010).

À luz dessa ideia, Vigotski (2005, p. 137) parte do pressuposto de que o aprendizado é um processo profundamente social, e o desenvolvimento:

[...] um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade, irregularidade no desenvolvimento das diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçando os fatores externos e internos e processos adaptativos.

Assim, entende-se que o desenvolvimento não é linear. Aprendizado e desenvolvimento estão inter-relacionados desde o nascimento do sujeito, e os atos intelectuais decorrem das práticas sociais. A interação social e o processo de intervenção social são fundamentais para o desenvolvimento do sujeito.

A ênfase conferida por Vigotski aos processos psicológicos superiores e inferiores, decorre de que os superiores se originam na vida social, na participação do sujeito em atividades compartilhadas com outros – representam a maturidade biológica, o desenvolvimento cultural e a apropriação de signos. Já os inferiores são caracterizados por um desenvolvimento cultural primitivo, pelo uso das ferramentas e por uma linguagem interna primitiva, como por exemplo, o ato de balbuciar.

Sobre esse fato, Rego (2008, p. 125) observou que:

O uso da linguagem se constitui na condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (a consciência) da criança. O conteúdo da experiência histórica do homem, embora esteja consolidado nas criações materiais, encontra-se também generalizado e reflete nas formas verbais de comunicação entre os homens sobre esses conteúdos. A interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados se dá, portanto, principalmente por meio da linguagem, possibilitando, assim, que a natureza social das pessoas torne-se igualmente sua natureza psicológica.

Em suma, a partir do nascimento, as crianças vivem num mundo de objetos materiais e de relações socioculturais produzidas historicamente pelo trabalho social, em outros termos, pela capacidade do humano de criar e produzir cultura. Nesse contexto, elas aprendem a se locomover, a se comunicar com outros à sua volta e a desenvolver relações com objetos através do auxílio de adultos. Nesse percurso histórico-genético do desenvolvimento, elas internalizam a linguagem (produção cultural/simbólica e histórica do homem) e passam a usá-la como instrumento de mediação e organização do pensamento e de significação do mundo.

Luria (1991) demonstrou que com isso, as crianças, passam a analisar, codificar e generalizar suas experiências, a nomear objetos usando expressões semióticas estabelecidas historicamente pelos homens e a categorizá-los. Esse é o movimento dialético da aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento cultural da criança, através da internalização de processos sociais e da construção de conhecimentos.

Assim, Luria (1991) explica que no âmbito desse desenvolvimento que a linguagem aparece, é um elemento fundamental para transpor as funções biológicas em comportamentos mentais superiores. A percepção da criança acerca do mundo impulsiona a vinculação dos processos de pensamento e de linguagem, de modo, que esse impulso é dado pela própria inserção da criança num grupo cultural.

Segundo Oliveira (2010), é importante mencionar que, para Vygotsky, quando os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem se unem, fazem com que, o pensamento verbal e a linguagem racional, possibilitem ao ser humano

um funcionamento psicológico mais estruturado, mediado pelo sistema simbólico da linguagem. Para a autora, Vigotski deixa claro que:

[...] o surgimento dessa possibilidade não elimina a presença da linguagem sem pensamento (como na linguagem puramente emocional ou na repetição automática de frases decoradas, por exemplo), nem do pensamento sem linguagem (nas ações que requerem o uso da inteligência prática, do pensamento instrumental). Mas o pensamento verbal passa a dominar a ação psicológica tipicamente humana (OLIVEIRA, 2010, p. 49).

A partir do desenvolvimento da linguagem, Luria (1986) aponta que fatores como a percepção, a atenção, a memória, a imaginação, a consciência e a imaginação da criança, distinguem-se de simples propriedades mentais inatas, e passam a ser compreendidos como processos mentais mais complexos, visto que, a criança passa a utilizar a fala socializada a partir da internalização de sistemas simbólicos de pensamento. A compreensão simbólica do mundo objetivo possibilita o desenvolvimento da capacidade de abstração e de generalização, pois requer a constituição do pensamento conceitual/categorial. A construção desse pensamento simbólico altera o nível de complexidade da atividade mental da criança, possibilitando o desenvolvimento de comportamentos culturais/superiores.

Para Luria (2013, p. 25)

Sob a influência da linguagem dos adultos, a criança distingue e estabelece objetivos para seu comportamento: ela repensa as relações entre objetos; ela imagina novas formas de relação criança-adulto; reavalia o comportamento dos outros e depois o seu; desenvolve novas respostas emocionais e categorias afetivas, as quais se tornam através da linguagem emoções generalizadas e traços de caráter. Todo esse processo complexo, intimamente relacionado com a incorporação da linguagem na vida mental da criança, resulta em uma reorganização radical do pensamento, que possibilita a reflexão da realidade e o próprio processo da atividade humana.

Tais comportamentos superiores não se formam na criança pela sua experiência direta ou não mediada com o mundo objetivado e pela sua inteligência

prática oriunda de suas experiências empíricas e cotidianas, mas através da qualidade simbólica e conceitual dos processos de mediação realizados pelo adulto na relação com a criança.

Vigotski e Luria (1996) buscam nos primórdios do desenvolvimento do homem primitivo, as explicações para o desenvolvimento sócio - histórico da formação dos processos mentais, suas principais afirmações são de que o funcionamento mental superior no indivíduo provém de processos sociais, estes, e os processos psicológicos humanos são moldados fundamentalmente por ferramentas sociais, ou formas de mediação.

Porém, o autor evidencia a dificuldade de se estudar um período de desenvolvimento histórico-cultural vivido pelo homem, e a maior facilidade de se estudar o desenvolvimento biológico partindo da análise do desenvolvimento dos animais, pois um macaco, por exemplo, evolui até o momento de tornar-se um macaco adulto, e permanecerá sempre no mesmo patamar de desenvolvimento, o que não acontece com o desenvolvimento sócio - histórico do homem, que está em constante mudança, e permite então, o estudo de apenas uma parcela do seu desenvolvimento, sob aquele período de tempo, pois depois que ocorre a mudança, já se passa a estudar outro período de desenvolvimento, não sendo possível retomar o período anterior, nem reproduzi-lo pois assim, não seria natural como necessita a análise espontânea de tal desenvolvimento.

O desenvolvimento histórico do comportamento do homem tem sido estudado menos adequadamente do que as duas outras linhas de desenvolvimento (1ª da evolução biológica e 2ª do comportamento humano adulto), porque a ciência tem tido a sua disposição muito menos material relativo às mudanças históricas da natureza humana do que relativo ao desenvolvimento da criança e ao desenvolvimento biológico. [...] O desenvolvimento da criança é um processo que tem lugar incessantemente sob nossos próprios olhos. Oferece-nos os mais variados tipos de pesquisa. O processo de mudança histórica da psicologia humana, contudo encontra-se em condições muito menos favoráveis de pesquisa. Épocas históricas desaparecidas deixaram documentos e traços do passado. Uma história superficial da espécie humana pode ser bem mais facilmente reconstruída com base nesses documentos e vestígios. Ao mesmo tempo, os mecanismos psicológicos do comportamento não deixam rastros de nenhuma forma objetiva completa. Por isso, a *psicologia histórica* tem consideravelmente menos material a sua disposição (VYGOTSKY; LURIA 1996, p. 95-96).

Lembrando que o autor entende por *primitivos* os povos mais antigos, tidos como *selvagens*, devido ao período de tempo em que viveram de maneira não-civilizada. “A primitividade neste sentido é o estágio mais baixo e o ponto de partida do desenvolvimento histórico do homem” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 96). As informações sobre o homem pré-histórico e a comparação entre a psicologia dos povos antigos, de diversas culturas são materiais muito úteis de estudos para a identificação da psicologia do homem primitivo, o que auxilia nos estudos para a identificação do desenvolvimento da psicologia do homem moderno, em que o mais desenvolvido explica o menos desenvolvido.

Vigotski ressalta que existe uma grande diferença no desenvolvimento do homem primitivo e do homem cultural, demonstrada por meio dos estudos comparativos feitos sobre o caminho do desenvolvimento da humanidade. Principalmente, com relação à linguagem, que é um dos fatores determinantes para que o desenvolvimento seja considerado mais ou menos avançado, a depender do nível de utilização da mesma.

O autor evidencia que o nível da linguagem é mais elevado de acordo com a capacidade de abstração, ou seja, “[...] o desenvolvimento da linguagem caracteriza-se, pois, pelo desaparecimento gradual de grande número de detalhes concretos” (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 121), pois, uma vez que não há a necessidade de “mostrar” concretamente o objeto para que o indivíduo saiba do que se está falando, isso significa que seu nível de abstração é desenvolvido a tal ponto de compreender sentenças e situações mesmo sem visualizá-las, isso implica num alto nível de desenvolvimento de sua linguagem.

Sobre o fato da linguagem do homem primitivo ser considerada mais “concreta”, que a linguagem do homem cultural, Vygotsky e Luria (1996, p. 126) explica:

Trata-se do fato de a linguagem do homem primitivo é essencialmente duas linguagens numa só: por um lado, é uma linguagem de palavras; por outro, uma linguagem de gestos. A linguagem do homem primitivo transmite as imagens dos objetos do modo como são percebidos pelos olhos e pelos ouvidos. O objetivo de uma linguagem desse tipo é a reprodução exata.

Significa que de fato, a concretude, a visualização dos objetos de sua fala é primordial para que haja a comunicação, todo pensamento primitivo é também um pensamento visual, por precisa ser mostrado para ser entendido.

O homem primitivo não possui conceitos, nomes abstratos, genéricos, são completamente estranhos a ele. Ele usa a palavra de modo diferente do nosso. Uma palavra pode adquirir um uso funcional diferente. O modo como ela é usada determinará a operação de pensamento a ser realizada com a ajuda dessa palavra. Uma palavra pode ser utilizada como um nome - como um som associado a esse ou aquele objeto determinado. Para o homem primitivo, ela é um nome próprio e é usada para realizar uma simples operação associativa de memória. Já vimos que, em medida mais ampla, a linguagem primitiva está exatamente neste estágio de desenvolvimento (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 130).

Percebemos, então, o tamanho da importância do significado das palavras e do nível de abstração do homem para que seu desenvolvimento seja considerado alto, pois, é inegável o fato de que existe uma íntima relação entre pensamento, palavra, escrita, significado, signo, instrumento e linguagem. De acordo com o próprio Vygotsky e Luria (1996, p. 130)

O progresso principal do desenvolvimento do pensamento assume a forma de uma passagem do primeiro modo de utilizar uma palavra como nome próprio, para o segundo modo, em que uma palavra é signo de um complexo e, finalmente, para o terceiro modo, em que uma palavra é instrumento ou recurso de desenvolver o conceito. Assim como se verificou que o desenvolvimento cultural da memória tinha as mais íntimas ligações com o desenvolvimento histórico da escrita, verifica-se que o desenvolvimento cultural do pensamento possui a mesma conexão íntima com a história do desenvolvimento da linguagem humana.

Sabe-se então, que quanto mais significados podemos dar a uma mesma palavra, maior é o nível de abstração observado, o que significa maior nível de desenvolvimento da linguagem. Como pudemos observar a palavra pode ser signo e instrumento da linguagem, revelando seu amplo desenvolvimento, ou não. O que pode também, diferenciar o homem primitivo do homem cultural é o domínio do

segundo sobre a natureza e sua maior capacidade de transformação desta, o que chamamos atualmente de *trabalho*, este que está intimamente relacionado ao surgimento da vida social, que passa a exigir do homem um maior controle sobre seu comportamento, da escrita e da natureza, o que gera "recursos técnicos de cultura", que são "meios de elevar o comportamento do homem a um nível superior, gerando assim, seu desenvolvimento cultural" (VYGOTSKY; LURIA, 1996, p. 149).

Fica explícito que a linguagem influi sobre o pensamento e o reorganiza. Ela é constituída por um sistema de signos expresso numa estrutura de coerência, argumentação, coesão e gramática (língua falada, escrita e outros meios de comunicação), atuando como meio de comunicação entre os homens no desenvolvimento sociocultural e como instrumento da atividade intelectual.

Nessa direção, na sequência abordaremos a relação entre pensamento e linguagem, destacando a palavra como chave do desenvolvimento da linguagem mediada pelos instrumentos e signos sociais.

3 TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E A RELAÇÃO ENTRE LINGUAGEM E PENSAMENTO

Nesta seção, abordaremos o núcleo da nossa pesquisa, que é, o estudo do desenvolvimento da linguagem, para isso, é necessário que exploremos a teoria histórico-cultural de forma abrangente, explanando sobre sua constituição e ressaltando os aspectos que melhor direcionam para nosso objetivo. Como já citado anteriormente Vigotski, desenvolveu a teoria histórico-cultural e dentre outras definições ele estabeleceu a relação entre pensamento e linguagem, que buscaremos analisar a partir desse momento.

[...] o pensamento e a linguagem possuem diferentes raízes genéticas, o desenvolvimento de ambos transcorre por diferentes linhas independentes, que se desenvolvem independentemente como ondas paralelas, e a relação entre elas não é constante ao longo do desenvolvimento humano, podem até convergir em determinado período, mas posteriormente bifurcam novamente, e durante a vida se cruzam e se separam constantemente (VYGOTSKY, 2001, p.111).

Ao referir-se a essa questão, Vigotski (2001, p. 419) afirma que "o início do desenvolvimento do pensamento e da palavra é o período pré-histórico na existência do pensamento e da linguagem", o que nos remete a entender que a palavra, é a chave para a compreensão do desenvolvimento da linguagem e do pensamento, por isso, o significado delas é tão relevante. O autor explica, que, por meio do desenvolvimento histórico da linguagem, ao desenvolver a consciência, o indivíduo vai se apropriando do uso correto e do significado das palavras, pois elas são um produto desse desenvolvimento, tornando-se parte da formação humana.

Luria, também esclarece sobre o papel da palavra no desenvolvimento da linguagem, explanando assim, o que entendemos, porquê linguagem é instrumento e também função psicológica superior:

A linguagem que medeia a percepção humana, resulta em operações extremamente complexas: a análise e síntese da informação recebida, a ordenação perceptual do mundo e o enquadramento das

impressões em sistemas. Assim, as *palavras* - unidades linguísticas básicas - carregam, além de seu significado, também as unidades fundamentais da consciência que refletem o mundo exterior (LURIA, 2013, p. 24, grifos do autor).

Podemos nitidamente observar a importância do uso da palavra, principalmente das palavras adequadas para definir e expressar corretamente o que se pretende dizer, por meio da fala, que expressa o pensamento, como nos explicaram os autores citados até o momento.

Concordamos com Martins (2013), quando ela diz que linguagem e pensamento não devem ser tratados separadamente, pois existe uma linha muito tênue que separa estas duas funções psíquicas superiores, e que por muitas vezes não se separam. Mas vamos tentar identificar características próprias de cada uma para um melhor entendimento geral. Ou seja, nas palavras do próprio Vigotski, (2001, p. 114), "[...] no pensamento do homem adulto, a relação entre intelecto e linguagem não é constante e idêntica para todas as funções e formas de atividade intelectual e verbalizada". Além disso, ele mesmo (Vigotski) ressalta que não existe apenas o modo de linguagem verbalizada e que a língua⁹ falada é apenas *um dos* instrumentos da linguagem

A linguagem nunca se encontra exclusivamente em forma sonora. Os surdos-mudos criaram e usam uma linguagem visual, e do mesmo modo ensinam as crianças surdas-mudas a entender a nossa linguagem 'lendo pelos lábios' (ou seja, pelos movimentos), ou ainda utilizando os 'dedos', pela 'linguagem dos sinais' (VIGOTSKI, 2001, p. 121)

Vigotski (2001, p. 123) também afirma, implicitamente, que os deficientes visuais não têm problemas na aquisição e desenvolvimento da linguagem quando evidencia que, "[...] o emprego racional da linguagem é uma função intelectual que em nenhuma condição é determinada diretamente pela estrutura ótica".

⁹ O conjunto de palavras, ou melhor, a linguagem própria de um povo chama-se língua ou idioma. (ALMEIDA, 1999)

Acreditamos que é de fundamental importância ressaltar essas especificidades, pois defendemos o desenvolvimento de um modo geral, nos referindo ao desenvolvimento do indivíduo humano, inclusive, daqueles que detêm alguma necessidade especial, ademais, também tomam parte no referido desenvolvimento, desde que, o ensino seja adequado às suas necessidades próprias.

Concordamos com Vigotski que em linhas gerais, o ser é fruto do meio social em que vive, logo, seu desenvolvimento se deve ao nível de estimulação ao qual está exposto durante sua vida, ou seja, os indivíduos que são mais e melhores estimulados se desenvolvem amplamente, os que não recebem muitos estímulos, ficam com seu desenvolvimento comprometido, limitado.

Vigotski (2001), explica que os estudos sobre o desenvolvimento da linguagem há muito avançaram no sentido de identificar que, de fato, o desenvolvimento da fala aparece devido suas raízes pré - intelectuais, como por exemplo, os balbucios, gritos e primeiras palavras, neste estágio de vida pré-intelectual ainda não demonstram domínio intelectual da fala, nem desenvolvimento do pensamento, pois se entende este período dominado pelo comportamento emocional da criança.

O autor cita ainda os estudos de Charlotte Bühler¹⁰ e seu grupo, que mostram que "a função social da fala já é aparente durante o primeiro ano de vida da criança, isto é, na fase pré-intelectual do desenvolvimento da fala. Nessa fase, encontramos um rico desenvolvimento da função social da linguagem" (VIGOTSKI, 2001, p.130).

É comprovadamente notável que se a criança obtiver um contato social relativamente complexo e rico isto a levará a ter um desenvolvimento sumamente precoce nos meios de comunicação. Vigotski explica que a autora observou reações bastante definidas à voz humana desde o início da terceira semana de vida do bebê, e a primeira reação especificamente social à voz humana, durante o segundo mês. Isto levou à conclusão de que também as risadas, balbucios, gestos e movimentos do bebê são meios de contato social, desde os primeiros meses de vida da criança.

¹⁰ Charlotte Bühler (1893-1974) profissional em psicologia do desenvolvimento e psicologia humanista (WOODWARD, 2011).

Contudo, a descoberta mais importante sobre o desenvolvimento do pensamento e da fala na criança é a de que, num certo momento, mais ou menos aos dois anos de idade, as curvas da evolução do pensamento e da fala, até então separadas, cruzam-se e coincidem para iniciar uma nova forma de comportamento muito característica do homem. Stern descreveu antes e melhor que os demais esse acontecimento de suma importância no desenvolvimento psicológico da criança. Ele mostrou que nela despeitam a consciência obscura do significado da linguagem e a vontade de dominá-lo, que nessa época a criança '*faz a maior descoberta de sua vida*' a de que '*cada coisa tem o seu nome*'. Esse é momento crucial, a partir do qual *a fala se torna intelectual e o pensamento verbalizado* (VIGOTSKI, 2001, p. 130, grifo nosso).

A partir deste momento a humanização (comportamentos humanos) do homem fica mais evidente, pois o uso social da linguagem, principalmente da fala, passa a ser instrumento de socialização e apropriação da cultura do meio em que vive.

3.1. INSTRUMENTOS E SIGNOS COMO MEDIADORES DO CONHECIMENTO

Partindo do método do materialismo histórico-dialético, desenvolvido por Karl Marx, na sua teoria sobre a economia, Vigotski (2001) também defende a ideia de que, por meio do trabalho o homem modifica seu ambiente e sua realidade de vida, isto se dá pela mediação de instrumentos e signos que também modificam o próprio homem internamente e externamente, ele ainda ressalta que “a atividade, quando mediada, muda fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar” (VIGOTSKI, 2001, p. 83).

Basicamente, podemos dizer que os instrumentos são tudo aquilo que se colocam entre o homem e o ambiente, eles agem externamente ampliando e modificando suas formas de ação. São objetos sociais e mediadores das relações entre o indivíduo e o mundo. São instrumentos: as ferramentas, as máquinas, os utensílios domésticos, os objetos pessoais, o material escolar e afins.

Reforçamos então, a importância da linguagem como instrumento de comunicação que possibilita a transmissão dos conhecimentos. Silva e Francioli (2016, p. 3) comentam,

O desenvolvimento da linguagem dos bebês inicialmente é social, isto é, acontece por intermédio das interações com as pessoas de seu convívio social e posteriormente progride para a fala interna, ou seja, o processamento do pensamento dentro de si mesmo.

Essa progressão da fala, representa a transferência da função comunicativa para a função intelectual, significando desenvolvimento da linguagem do indivíduo.

Entendemos que a relação do homem com a cultura não é direta, mas sim, transmitida pela interação com o outro. Leontiev (1978, p. 272) exemplifica bem da seguinte maneira: "se o nosso planeta fosse vítima de uma catástrofe, todos os adultos morressem e os únicos sobreviventes fossem as crianças pequenas, não seria o fim do gênero humano, mas a história seria interrompida". Isso significa que, mesmo que continuassem existindo os bens culturais, como os livros, as obras de arte, as máquinas, os computadores, os celulares, eles não teriam a mesma utilidade de agora, pelo fato de não ter ninguém capaz de explicar como se utilizam esses recursos, que são fruto do conhecimento historicamente produzido pela humanidade.

Podemos dizer então, que os signos e os instrumentos utilizados como mediadores, ampliam a possibilidade humana de agir sobre a natureza, transformá-la e, conseqüentemente, transformar a si mesmo. Eles são assim definidos por Vygotsky (1995, p. 83, tradução nossa) "Chamamos signos aos estímulos-meios artificiais introduzidos pelo homem na situação psicológica, que cumprem a função de auto estimulação".

Para Silva (2016, p. 4)

[...] entendemos que os signos auxiliam o homem a controlar voluntariamente as atividades ligadas ao pensamento, como a capacidade de construir representações mentais que substituam os objetos do mundo real. Por exemplo, a cor vermelha no semáforo significa que a pessoa deve parar, ou seja, a cor representa uma ideia não contida na cor, mas na memória das convenções da lei do trânsito. Do mesmo modo como, os numerais, as palavras, os símbolos matemáticos, cumprem a função de auxiliar os homens nas atividades psíquicas.

Basicamente o signo é um "instrumento psicológico", que modifica internamente o funcionamento psicológico do homem, agindo sobre seu psiquismo. São signos: a palavra, a escrita, o desenho, os símbolos (bandeiras, emblemas, etc). Como instrumento simbólico, os signos servem como auxílio de memória que ajudam a lembrar, comparar coisas, etc. A linguagem é o sistema simbólico básico de todos os grupos humanos.

Os estudos desenvolvidos por Vygotsky e Luria (2007, p. 38, tradução nossa) explicam muito claramente como acontece este processo:

Já desde os primeiros estágios do desenvolvimento da criança, a palavra se entra na percepção da criança separando e diferenciando elementos e superando a estrutura do quadro sensorial e, por assim dizer, constituindo novos centros estruturais artificialmente introduzido e móvel. A fala não acompanha simplesmente a percepção infantil, mas desempenha um papel ativo desde o início. E então a criança começa a perceber o mundo não só através de seus olhos, mas também através do discurso. É precisamente neste processo que reside o centro essencial do desenvolvimento da percepção infantil. É precisamente essa estrutura indireta e complexa que aparece no tipo de descrição que W. Stern recebe das crianças em seus experimentos com figuras. Quando a criança sabe: uma descrição das imagens que lhe foram mostradas não está apenas verbalizando e expressando essa percepção em sua linguagem imperfeita, mas é a sua própria fala que articula sua percepção, ela que incorpora a partir do complexo global os aspectos distintivos a um fator analítico da percepção, suplantando assim a estrutura natural da percepção por outro processo psíquico complexo e indireto.

Concordamos com os autores que, *a palavra* é um dos mais importantes signos de representação da linguagem humana, e que, o processo de apropriação do seu significado pode ser determinante no nível de desenvolvimento psíquico do indivíduo.

3.2 PALAVRA COMO SIGNO DA LINGUAGEM

Por meio de seus estudos, Vygotsky (1994) explica que a *palavra* é o cerne do desenvolvimento da linguagem, porque a raça humana é a única do reino animal

que a usa como signo da linguagem com significados que contém generalizações e abstrações para que possam ser entendidas por outros da mesma espécie “[...] porque é no significado da palavra onde reside a chave da unidade que denominamos pensamento linguístico, para esclarecê-lo, vamos nos deter brevemente na interpretação teórica da natureza psicológica da palavra” (VYGOTSKY, 1994, p. 7).

Luria (1986, p. 27, grifos da autora) deixa bem claro que, “o elemento fundamental da linguagem é a *palavra*. A *palavra* designa as coisas, individualiza suas características. Designa ações, relações, reúne objetos em determinados sistemas. Dito de outra forma, a *palavra codifica nossa experiência*”.

Para Martins (2013, p. 171) pautada nos estudos das obras de Vigotski e Luria, também explica que, “a princípio, no desenvolvimento ocorre, simplesmente, uma conexão externa entre palavra e objeto, e não uma conexão interna entre signo e significado”. O que nos leva a compreender que o aspecto psicológico do uso da palavra pode ser considerado uma generalização, constituindo-se assim, num ato de pensamento.

Neste sentido, Vigotski (2001, p. 131) deixa claro o quão importante é o uso da *palavra* pois, o uso desta significa um dos momentos mais importantes da vida do indivíduo que acontece em torno dos 2 anos de idade, quando a criança descobre que “cada coisa tem um nome”, e a partir daí sua “fala passa a ser intelectualizada e seu pensamento verbalizado”, sendo a *palavra*, o signo concreto do desenvolvimento da linguagem e da construção social pela qual a criança passou durante o início de sua vida e das suas primeiras relações sócio-culturais.

Antes dos 2 anos de idade a criança conhece apenas as palavras que aprendeu com outras pessoas. Agora a situação muda radicalmente: ao ver o novo objeto, a criança pergunta: ‘Como isso se chama?’. A própria criança necessita da palavra e procura ativamente assimilar o signo pertencente ao objeto, signo esse que lhe serve para nomear e comunicar. Se, como mostrou acertadamente Meumann, o primeiro estágio do desenvolvimento da fala infantil e, por seu sentido psicológico, afetivo-volitivo, então, a partir desse momento, a fala entra na fase intelectual do seu desenvolvimento. É como se a criança descobrisse a função simbólica da linguagem. Diz Stern: O processo que acaba de ser descrito já se pode definir, sem nenhuma dúvida, como atividade intelectual da criança no verdadeiro sentido da palavra; a compreensão da relação entre signo e significado, que aqui já se

manifesta na criança, é algo em princípio, diferente do simples emprego de noções e suas associações, e a exigência de que qualquer objeto, independentemente da sua espécie, tenha o seu próprio nome pode ser considerada o primeiro conceito geral e real da criança (VIGOTSKI, 2001, p. 132).

Luria (1986) explica que existem motivos para acreditar que o surgimento do uso da *palavra* parte do *trabalho*, pois ela surge como signo de um objeto concreto, a partir da necessidade do homem de se comunicar, e do uso das ações com objetos, é lá que devemos buscar as raízes do surgimento da primeira palavra, como também assinalou Engels, por várias vezes em seus escritos.

Destarte é que identificamos a necessidade do método materialista nas referidas análises das relações sócio-culturais e funções psíquicas, pois este, é o meio pelo qual o homem transforma seu ambiente com os recursos retirados da natureza, e ao fazer isto se transforma, se desenvolve e se humaniza.

Vigotski (1994) salienta que não conseguiríamos explicar separadamente o desenvolvimento de cada uma das funções psíquicas identificadas no homem, tampouco da função psíquica da linguagem e o uso do significado das palavras, pois estas caminham juntas no decorrer do desenvolvimento ontogênico, ele afirma que, "não podemos explicar toda a diversidade real nem todas as particularidades das relações entre a palavra e o pensamento" (VYGOTSKY, 1994, p. 5). Nesse sentido, o autor dá um direcionamento sobre estudos desta linha dizendo que,

Uma psicologia que deseja estudar as unidades completas tem que compreender isto. Deve substituir os métodos de decomposição em elementos por um método de análise que segmente em unidade. Deve encontrar essas unidades indivisíveis que conservam as propriedades inerentes ao conjunto em sua totalidade, inclusive se nas unidades estas propriedades podem estar presentes de outro modo, e tratar de resolver com ajuda desta análise, as questões concretas que se explicam. Qual é a unidade que não admite divisão e que se encerra propriedades inerentes ao pensamento linguístico? Creemos que essa unidade se pode achar no aspecto interno da palavra, em seu significado. Até o presente, o aspecto interno da palavra praticamente não tem sido objeto de investigação. O significado da palavra se tem diluído no mar de outras representações de nossa consciência ou dos demais atos do pensamento, o mesmo que o som separado do significado se tem diluído entre os demais sons existentes na natureza. Por ele, ao igual que a psicologia atual pode dizer nada específico respeito ao som da

linguagem humana, no estudo do significado verbal a psicologia atual não pode dizer mais do que tem em comum com o texto de ideias e pensamento de nossa mente (VYGOTSKY, 1994, p. 6).

Isso nos revela a tão fundamental importância que tem a questão do estudo do significado do signo, *palavra*. Pois entendemos que nele (significado) reside a explicação para inúmeras dúvidas levantadas sobre o desenvolvimento ontogênico do psiquismo. Podemos nitidamente perceber o nível de desenvolvimento de um indivíduo devido ao uso que este faz das palavras, da aplicação que faz delas nas frases e contextos que lhes são apresentados. Martins (2013) deixa isso muito evidente em seus estudos quando escreve,

Existe, pois, uma estreita relação entre a evolução dos significados das palavras e os diferentes estágios do desenvolvimento psíquico. Essa relação se expressa, sobretudo, no vínculo entre a história de construção dos significados das palavras e a imagem subjetiva construída acerca da realidade. Por conseguinte, para os autores supracitados, a análise da referida história aponta profícuos caminhos para a análise do percurso de formação da consciência humana (MARTINS, 2013, p. 175).

Podemos dizer então que, quanto maior o desenvolvimento histórico-cultural e do contexto em que se encontra o indivíduo, maior será o desenvolvimento psíquico dele, melhor e mais adequadamente ele utilizará as palavras como signos dos significados abstratos que deseja utilizar.

Porém, o significado real da palavra, aquilo que ela representa em dada condição, revela-se como 'potência' que se realiza ou não na linguagem em face de suas nuances intelectuais e afetivas. Portanto, o significado da palavra não é dado nela mesma, mas no contexto da frase que integra (MARTINS, 2013, p. 183).

Entendemos que conforme ocorre o desenvolvimento psíquico da criança, ela passa a perceber a função social da utilização das palavras que, por meio delas, os adultos respondem e reagem dessa ou de outra forma, com mais ou menos

intensidade e atendendo ou não suas solicitações, ao passo que se relaciona, interage e se apropria da cultura do meio em que vive a criança não somente passa a fazer uso das palavras, mas também a perceber quais usar em cada situação a depender do significado que já percebeu que ela contém.

Luria (1986, p. 43) nos explica com clareza e objetividade o que é a palavra:

Componente fundamental da palavra é seu significado, compreendido por nós como a função de separação de determinados traços no objeto, sua generalização e a introdução do objeto em um determinado sistema de categorias. Desta forma, a palavra cumpre o enorme trabalho realizado na história social da linguagem. Assim, são dados os fundamentos para que a palavra se transforme na base da generalização (e desta forma instrumento do pensamento) e meio de comunicação (instrumento da comunicação verbal). [...] Uma das mais importantes descobertas da psicologia soviética, mostrou que ambos componentes - a referência objetual da palavra e seu significado - não permanecem imutáveis ao longo do desenvolvimento infantil; que, na ontogênese, o significado da palavra se desenvolve, muda sua estrutura.

Ou seja, quanto mais se desenvolve a ontogênese, mais o indivíduo se apropria do significado dos signos da linguagem, em outras palavras, dos significados das palavras e dos contextos em que se deve aplicá-las, demonstrando assim, maior nível de entendimento, domínio e apropriação cultural do meio, no caso de viver num meio em que esse nível seja considerado elevado, pois assim também, podemos compreender o inverso, um baixo nível de desenvolvimento ontogênico, onde a quantidade e qualidade de relações sócio-culturais e apropriação de conhecimento culturalmente acumulado pela humanidade seja considerado igualmente baixo.

L.S. Vigotski ligou a questão do desenvolvimento da palavra a do desenvolvimento da consciência. Para ele, a palavra constitui-se em um aparelho que reflete o mundo externo em seus enlaces e relações. Portanto, se, à medida que a criança se desenvolve, muda o significado da palavra, quer dizer que também muda o reflexo daqueles enlaces e relações que, através da palavra, determinam a estrutura de sua consciência. [...] Nem o significado da palavra nem sua estrutura psicológica mantêm-se invariáveis no processo de desenvolvimento da criança e que mudam radicalmente, não só a

estrutura da palavra, mas também a estrutura da consciência, seu caráter sistêmico. Isto tornou possível um novo enfoque materialista do desenvolvimento da linguagem e da consciência na ontogênese (LURIA, 1986, p. 44).

Afinal, podemos observar claramente as definições de Vigotski, e de fato, concordar com a proporcionalidade sugerida por ele, o que significa que quanto mais desenvolvido o conhecimento histórico-cultural do seu meio, mais se desenvolve psiquicamente um indivíduo, mais ele se apropria do conhecimento, fazendo uso de palavras com maior significação, o que lhe permite se expressa com clareza ao longo da vida, ou, inversamente na mesma proporção seu desenvolvimento fica atrofiado, e pouco evoluído. Por isso, notadamente, é de fundamental importância compreender, de que maneira é feito o uso do significado das palavras, observando se o mesmo signo (palavra) é utilizado em diferentes contextos, por indivíduos que convivem na mesma sociedade.

3.3. CONCEITOS ESPONTÂNEOS E CONCEITOS CIENTÍFICOS

Conforme o indivíduo se desenvolve em seu meio cultural, a linguagem também se desenvolve, o que a torna posteriormente um instrumento de apropriação dos conhecimentos pelo indivíduo. As funções psíquicas superiores (FPS) vão se desenvolvendo, e os conhecimentos vão sendo culturalmente transmitidos, formando no indivíduo, os conceitos, as formas de organização do real, mediado entre o sujeito e o objeto do conhecimento.

Sabe-se que o contato entre a criança e o mundo adulto que a cerca se estabelece muito cedo. A criança começa a crescer em um ambiente falante e ela mesma passa a usar o mecanismo da fala já a partir do segundo ano de vida. Não resta dúvida de que ela não usa sons sem sentido mas palavras autênticas, e, na medida em que cresce, a elas relaciona significados cada vez mais diferenciados. Ao mesmo tempo, pode-se considerar estabelecido o fato de que a criança atinge relativamente tarde o grau de socialização do seu pensamento, que é necessário para a elaboração de conceitos plenamente desenvolvidos (VIGOTSKI, 2001, p. 159).

De acordo com um estudo de Freire (2008) sobre a teoria de Vigotski, os conceitos são construções culturais internalizadas pelos indivíduos ao longo de seu processo de desenvolvimento, e são divididos em conceitos espontâneos e conceitos científicos.

Na concepção histórico-cultural a escola desempenha um papel fundamental na formação de conceitos científicos, proporcionando ao aluno um conhecimento sistemático sobre aspectos que não estão associados ao seu campo de visão ou vivência direta.

Sabemos que desde o momento de seu nascimento, uma criança com todas as funções biológicas devidamente desenvolvidas, já começa a apropriar-se dos conhecimentos culturais do meio em que vive, isto significa que a criança já começa a aprender antes mesmo de frequentar o ambiente escolar, pois é neste ambiente, que ela fará contato com os conceitos de diferentes áreas do conhecimento científico organizados por meio do currículo escolar. A criança chega na escola com conceitos espontâneos desenvolvidos no seu cotidiano, mas cabe à escola transformá-los em conceitos científicos.

Segundo Vigotski (2001, p. 234), “os conceitos espontâneos possibilitam o aparecimento dos conceitos não espontâneos através do ensino”, logo, podemos concluir que os conceitos espontâneos são fundamentais como ponto de partida para a apropriação dos conceitos científicos.

Podemos definir também que, os *conceitos espontâneos* são os conceitos formados pela criança na interação direta com as pessoas do ambiente onde vive, sem direcionamento específico, apropriado por ela de maneira livre e intuitiva, enquanto, os *conceitos científicos*, são apropriados por meio da mediação intencional e sistematizada encontrada no ambiente escolar, também chamada de educação escolar. Para esse autor esse processo de apropriação dos conceitos científicos não ocorre superficialmente, nem de maneira rápida, pois:

O conceito surge no processo de operação intelectual; não é o jogo de associações que leva a obstrução dos conceitos: em sua formação participam todas as funções intelectuais elementares em uma original combinação, sendo que o momento central de toda essa operação é o uso funcional da palavra como meio de orientação arbitrária da atenção, da abstração, da discriminação de atributos

particulares e de sua síntese e simbolização com o auxílio do signo (VIGOTSKI, 2001, p. 236).

Ou seja, a formação dos conceitos científicos depende de um longo e complexo processo de desenvolvimento do pensamento infantil, não é uma relação que acontece automaticamente. Para que o conceito espontâneo da criança seja de fato, ponto de partida para a formação do conceito científico, ele precisa ter atingido um determinado nível de amadurecimento e assimilação. Vigotski (2001, p. 242), ressalta que "O desenvolvimento dos conceitos científicos na idade escolar é uma questão prática de imensa importância, do ponto de vista das tarefas que a escola tem diante de si quando inicia a criança no sistema de conceitos científicos".

Mais adiante o autor continua a esclarecer o desenvolvimento do conceito científico.

O curso do desenvolvimento do conceito científico nas ciências sociais transcorre sob as condições do processo educacional, que constitui uma forma original de colaboração sistemática entre o pedagogo e a criança, colaboração essa em cujo processo ocorre o amadurecimento das funções psicológicas superiores da criança com o auxílio e a participação do adulto. No campo do nosso interesse, isto se manifesta na sempre crescente relatividade do pensamento causal e no amadurecimento de um determinado nível de arbitrariedade do pensamento científico, nível esse criado pelas condições do ensino. [...] Desse modo, no mesmo estágio de desenvolvimento encontramos na mesma criança diversos aspectos fracos e fortes dos conceitos espontâneos e científicos (VIGOTSKI, 2001, p. 244).

Em suma, podemos afirmar, concordando com os estudos de Vigotski, que este processo deve ser estimulado e trabalhado pela escola, porém, não apenas pela mera contemplação dos conteúdos, mas pela sua efetiva assimilação.

Acreditamos que para que isto ocorra de maneira efetiva, as atividades mentais pautadas na abstração devem ser estimuladas com frequência, pois estas, são condições para a formação dos conceitos. Uma vez que este processo ocorre, é possível que a criança faça a relação desses conceitos científicos com os espontâneos, presentes em suas experiências prévias de vida, isto possibilita a

trajetória inversa, de compreensão por meio das funções complexas superiores às funções elementares e inferiores.

Isto consiste em dizer que o aluno passa a ter o domínio do seu processo de pensamento, pois consegue converter suas funções psíquicas como a percepção, a memória, a atenção voluntária e o próprio pensamento em objetos da consciência. É revelado então, um alto nível de desenvolvimento psíquico deste aluno que se encontra em intensa atividade mental no ambiente escolar.

Vigotski, (2001) enfatiza que o aprendizado escolar exerce significativa influência no desenvolvimento das funções psíquicas superiores, principalmente na fase em que as crianças estão em pleno desenvolvimento. A escola realizará satisfatoriamente seu papel, à medida que, a partir daquilo que a criança já sabe, ela for capaz de ampliar e desafiar a construção de novos conhecimentos, influenciando na zona de desenvolvimento próxima dos educandos, inclusive estimulando processos internos que passarão a constituir a base de novas aprendizagens.

A escola, nesta visão, ganha *status* de suma importância, pois será nela, por meio da mediação pedagógica — atuação intencional de um sujeito que se interpondo entre outros indivíduos e os saberes de sua cultura, possibilita viabilizar ao sujeito/educando condições de apropriação desses saberes —, que os indivíduos mediados em sua zona de desenvolvimento proximal, poderão se apropriar de conhecimentos diferentes daqueles presentes em seu cotidiano, ampliando dessa forma suas possibilidades de atuação e desenvolvendo seu aparato psicológico referente às funções superiores e a consciência (TOSTA, 2012, p. 64, grifos do autor).

Dessa forma, a teoria histórico-cultural se sustenta, pois se entende que o sujeito necessita de interações sociais para humanizar-se e, com a apropriação dos signos e símbolos ele seja capaz de refletir, projetar, planejar, criar, pensar, abstrair, etc. Nesse ponto de vista, Vigotski concebe os indivíduos humanos como inacabados, que precisam das interações com os outros indivíduos para se humanizarem e constituírem suas funções psíquicas superiores.

Sabemos então, que a linguagem é um dos fatores determinantes para o desenvolvimento e a humanização do indivíduo, entender sua relação com o pensamento também pode nos dar importantes esclarecimentos dentro da teoria histórico-cultural.

Na obra de Vigotski, especificamente no Tomo 2 (1994), da coletânea conhecida como Obras Escolhidas, encontramos detalhadamente algumas descrições importantes em que o teórico se propõe a analisar geneticamente as relações entre pensamento e a palavra falada; por meio de seus experimentos consegue provar que os significados das palavras evolui na idade infantil e descreve as fases principais desse processo; também demonstra a natureza psicológica da linguagem escrita como função independente da fala, assim como sua relação com o pensamento e comprova experimentalmente a natureza psicológica da fala interna e sua relação com o pensamento.

Vigotski (1994), explica que, para que se faça a análise da relação do pensamento e a linguagem, é de fundamental importância analisar primeiramente a relação entre diferentes funções psíquicas, diferentes classes de atividade da consciência, pois nessa análise principal entre pensamento e linguagem, a relação entre o pensamento e a palavra também se constitui como aspecto principal. Mas, o autor ressalta, que os primeiros investigadores desta área da psicologia, não davam atenção ao "problema da conexão entre as funções, de sua organização na estrutura integral da consciência" (VYGOTSKY, 1994, p. 3). Ainda segundo o autor,

Se tentamos formular em poucas palavras os resultados do estudo sobre o problema do pensamento e a linguagem na história da psicologia científica, podemos dizer que as distintas aproximações têm oscilado sempre e repetidamente entre dois pólos extremos: entre a identificação, completa fusão do pensamento e da palavra, e a total e absoluta ruptura e separação metafísica. As diferentes teorias do pensamento e a linguagem se tem movido sempre ao longo de um eixo situado entre estes dois pólos, seja manifestando algum nos extremos em sua forma mais pura, o bem combinando-os, situando-se, por assim dizer, em um ponto intermediário entre eles, tem girado ao redor de um círculo vicioso sem encontrar, de momento, a saída (VYGOTSKY, 1994, p. 4)

De acordo com Vygotsky (1994), desde a antiga linguística psicológica, existe a tendência de identificar o pensamento e a linguagem, de modo que o pensamento seria considerado a fala sem som e se desenvolveria na mesma linha até chegar aos psicólogos norte americanos contemporâneos, que consideraram o pensamento como reflexo inibido, ou seja, nesta linha de estudo, os psicólogos

cometem o erro de definir como sendo o mesmo desenvolvimento, como do pensamento e palavra sendo uma coisa só, o que faz com que seus estudos sejam invalidados, pois, como evidencia Vigotski, não faz sentido estudar a relação de uma coisa consigo mesma. Além disso, o autor explica que, é de fundamental importância "esclarecer de antemão que métodos, capazes de assegurar a resolução exitosa deste problema, devemos utilizar em nossa investigação" (VYGOSTKY, 1994, p. 5).

Nessa linha de pensamento, Vigotski defende que a *palavra* e seu significado guardam o núcleo central desta análise, pois o significado que a palavra tem, determina seu uso social, pois esta sem significado seria apenas a manifestação de um mero som qualquer, deixando de pertencer à classe de linguagem, basicamente o autor evidencia que o uso da palavra e seu significado por ser considerados como fenômeno da linguagem e do pensamento, ou seja, a palavra pode ser considerada uma unidade do pensamento linguístico. Evidentemente, se isso é assim,

[...] o método de investigação do problema que nos interessa não pode ser outra que a análise semântica, a análise do aspecto significativo da linguagem, esse deve ser o método para estudar o significado verbal. Nesta direção podemos esperar uma resposta direta as perguntas sobre a relação entre o pensamento e a fala, porque essa relação se da na unidade de análise que temos elegido. Estudar o desenvolvimento, funcionamento, e estrutura desta unidade, permitira conhecer dados que esclarecem a relação entre o pensamento e a língua a questão da natureza do pensamento linguístico (VYGOTSKY, 1994, p. 7).

Vigotski, segue explicando que a comunicação é a função inicial da linguagem que, a linguagem é antes de tudo um meio de comunicação social, um meio de expressão e compreensão, e que, quando se analisa estas funções separadamente, perde-se a essência do estudo de ambas.

Desta forma, podemos perceber que é de fundamental importância entender que existe uma íntima combinação entre a função de comunicação que a linguagem exerce e sua relação com o pensamento pois, separadamente, eles perdem o sentido.

3.3.1. GENERALIZAÇÃO E ABSTRAÇÃO

Luria (2013, p. 65), explica que Ach¹¹ (1905), foi um dos primeiros autores a desenvolver uma teoria sobre a classificação de objetos, concluindo então, "que todas as pessoas têm o mesmo potencial inato de abstração e generalização". O autor explica que Vigotski, utilizou-se dos mesmos testes para formular suas ideias sobre o mesmo assunto.

Vygotsky, interpretava as diferenças nas interpretações que se fazem da realidade como diferenças no sistema de elementos psicológicos que orientam tais interpretações. Do seu ponto de vista, a linguagem é o elemento mais decisivo na sistematização da percepção; na medida em que as palavras são, elas próprias, produto do desenvolvimento sócio - histórico, tornam-se instrumentos para a formulação de abstrações e generalizações e facilitam a transição da reflexão sensorial não-mediada para o pensamento mediado, racional. Ele afirmava, portanto, que o 'pensamento categorial' e a "orientação abstrata" são consequência de uma reorganização fundamental da atividade cognitiva que ocorre sob o impacto de um fator novo, social - uma reestruturação do papel que a linguagem desempenha na determinação da atividade psicológica (LURIA, 2013, p. 66-67)

Ou seja, para Vigotski, o uso da palavra é a chave para descobrir o quanto o indivíduo, de fato, se apropriou do conceito do significado do objeto, isto significa, que por meio desta avaliação é possível perceber o nível de generalização e abstração formados pelo sujeito.

Bernardes e Asbahr, (2007, p. 325, grifos das autoras) explicam que:

As generalizações, presentes tanto nas elaborações dos adultos quanto das crianças, são distintas. Nos adultos, as generalizações tratam dos significados sociais atribuídos aos fatos e fenômenos

¹¹ Narziss Kaspar Ach (1871-1946). Psicólogo especializado em inteligência e pensamento. Estudou em Gottingen, onde doutorou-se sob orientação de Georg Elias Muller em filosofia e medicina. Desenvolveu experimentos sobre atos volitivos e motivação; no campo da experimentação sobre o pensamento, aproximou-se dos trabalhos de Oswald Külpe (GUILLAUME, 2012, grifos do autor).

presentes na realidade objetiva elaborados a partir das relações lógico-históricas; na criança pequena, as generalizações apóiam-se integralmente na memória. Daí se deduz a importância do *conjunto complexo das vivências*, proporcionado pelas relações interpessoais em que a criança se envolve para a constituição das funções psicológicas superiores.

Sabemos que a linguagem e o uso da palavra são de importância determinante para a transformação do *pensamento situacional* para o *pensamento conceitual*, e a diferença entre eles é a seguinte: “enquanto o pensamento é situacional, a classificação dos objetos é considerada por complexo; no pensamento categorial, a classificação dos objetos baseia-se no significado social que o objeto assume como termo linguístico – o conceito” (BERNARDES; ASBAHR, 2007, p. 325).

Dada a importância da linguagem, podemos afirmar que a abstração e a generalização são capacidades que se desenvolvem no decorrer da vida do indivíduo, pois sua formação é de cunho sócio-cultural, ou seja, a criança tem um pensamento mais literal, objetivo, não faz relações puramente mentais, como por exemplo, não trazendo mentalmente a imagem de um objeto que não está fisicamente presente, isso indica pouco nível de abstração e generalização.

O adulto, por sua vez, devido ao fato de já ter uma história-cultural tem também uma capacidade maior de abstrair e generalizar, como acontece com o significado das palavras, ele é capaz de separar seu plano físico de um plano mental que ele cria ao usar palavras para se referir a objetos que não estão presentes fisicamente.

Essa situação acontece constantemente na vida do indivíduo. No entanto, os adultos analfabetos têm uma capacidade de abstração e generalização menor do que adultos letrados, com educação formal. É um procedimento complexo do desenvolvimento humano, assim explicitado por Vigotski e Luria (1996, p. 202):

[...] o processo de abstração só se desenvolve com o crescimento e com o desenvolvimento cultural da criança; o desenvolvimento desta [a abstração] está intimamente ligado ao início do uso de ferramentas externas e à prática de técnicas complexas de comportamento.

Bernardes e Asbahr (2007) explanam que a análise realizada por Vigotski, indica que, quando existe mudança no tipo de atividade desenvolvida pelos indivíduos, passa a existir também uma mudança no tipo de pensamento envolvido, pois, para ele é *pensamento situacional* (concreto) se houver atividades práticas, que envolvam operações gráficas; e passa a ser *pensamento conceitual* (abstrato), caso as atividades envolvam o uso de instrumentos culturais e operações teóricas, como por exemplo, a escrita e outras atividades de estudo.

Sobre isso Luria (2013, p. 107), nos explana de maneira muito evidente:

[...] esse pensamento concreto não é inato, nem geneticamente determinado. Resulta do analfabetismo e dos tipos rudimentares de atividade predominantes na experiência cotidiana desses sujeitos. Quando muda o padrão de vida e se ampliam as dimensões da própria experiência, quando eles aprendem a ler e a escrever, a ser parte de uma cultura mais avançada, esta maior complexidade de sua atividade estimula nova ideias. Tais modificações, por sua vez, ocasionam uma reorganização radical de seus hábitos de pensamento, de modo que eles aprendem a usar e compreender o valor de procedimentos teóricos que anteriormente pareciam irrelevantes.

Com isso, o indivíduo passa a analisar, codificar e generalizar suas experiências, a nomear objetos usando expressões semióticas estabelecidas historicamente pelos homens e a categorizá-los. Esse é o movimento dialético da aprendizagem que impulsiona o desenvolvimento cultural da criança, através da internalização de processos sociais e da construção de conhecimentos.

4 ENCAMINHAMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS PARA A PESQUISA DE CAMPO

Como já apontado anteriormente, essa pesquisa é pautada na Teoria Histórico-Cultural, principalmente na obra “Desenvolvimento cognitivo: seus fundamentos culturais e sociais” escritos por Alexander Romanovich Luria (2013), que entre 1931 e 1932, sob os aportes da teoria marxista-lenista, realizou uma pesquisa em duas regiões remotas da União Soviética: Uzbequistão e Kirghizia. Nessas regiões, o pesquisador coletou dados sobre a linguagem dessas comunidades, observando as grandes mudanças na estrutura do processo cognitivo daquele povo que passava por reformas econômicas, culturais e sociais, resultante da Revolução Russa, ocorrida em 1917¹².

O autor relata que a razão de ter publicado estes capítulos foi a de "contribuir com material para pesquisas futuras neste campo". (LURIA, 2013, p. 9). Ele também explica que, nenhum dos grupos observados havia recebido qualquer outro tipo de educação superior e, que o período de suas observações incluiu o início da coletivização entre outras mudanças sócio-econômicas radicais, como a emancipação das mulheres. Como o país passava por um período de transição, Luria considerou que a pesquisa teve parcialmente um cunho comparativo.

Assim, “pode-se observar tantos grupos subdesenvolvidos de analfabetos (moradores de vilarejos), quanto grupos já envolvidos na vida moderna, que experimentavam as primeiras influências do realinhamento social” (LURIA, 2013, p. 29).

¹² A Revolução Russa é o fato mais prodigioso da guerra mundial. Ela atingiu considerável alcance, a influência profunda por ela exercida permitiu-lhe abalar todas as relações de classe, revelar o conjunto dos problemas econômicos e sociais, e passar, conseqüentemente, com a fatalidade da sua lógica interna, do primeiro estágio da república burguesa a estágios cada vez mais elevados, levando a queda do czarismo (LUXEMBURGO, 1991).

4.1 PRESSUPOSTOS DA PESQUISA DE LURIA E VYGOTSKY

Os indivíduos observados por Luria (2013), faziam parte de cinco grupos específicos, os quais segue a descrição:

1) Mulheres que viviam nos *ichkari* - alojamento de mulheres - em vilarejos afastados, analfabetas e sem nenhum envolvimento em atividades sociais modernas;

2) Camponeses que viviam em lugares afastados, analfabetos e que não participavam de nenhum tipo de trabalho socializado;

3) Mulheres que frequentavam cursos de curta duração para trabalho em creches, sem nenhuma educação formal e quase nenhum treino em alfabetização;

4) Trabalhadores de fazendas coletivas (*kolkhoz*) e jovens que haviam feito cursos rápidos, que estavam envolvidos ativamente no trabalho das fazendas, em geral, eram administradores, funcionários de escritórios das fazendas coletivas ou ainda líderes de brigadas.

5) Mulheres estudantes admitidas em escolas como professoras, após dois ou três anos de estudos. Suas qualificações escolares eram, todavia, de nível bem baixo.

Em seu plano de pesquisa o autor explica que, “as características essenciais dos processos mentais dependem do modo pelo qual eles refletem a realidade; assim, uma forma particular de atividade mental deve corresponder a um nível particular de reflexão” (LURIA, 2013, p. 33).

A hipótese do autor era a de que pessoas cujo processo de reflexão da realidade fosse primariamente *gráfico-funcional*, ou seja, um pensamento concreto e prático, mostrariam um sistema de processos mentais distinto daquele encontrado em pessoas cuja abordagem da realidade fosse predominantemente *abstrata, verbal e lógica*.

Tínhamos também razões para supor que os significados das palavras seriam bem diferentes (uma vez que as palavras são os instrumentos básicos do pensamento) e experimentos de descoberta de significados de palavras mostrariam também grandes diferenças de conteúdos de consciência e estrutura de processos mentais (LURIA, 2013, p. 33).

O autor explica que seu método de pesquisa não poderia limitar-se a simples observações, era necessário interagir com os grupos de pessoas a serem pesquisados. Ele fez duas expedições para a Ásia Central com um grupo de participantes que o auxiliaram em sua pesquisa, porém, estranhos, recém-chegados, fazendo perguntas aos moradores locais, causaria surpresa e espanto, o que tiraria a naturalidade das respostas e não forneceria dados representativos da realidade, tornando-os inúteis aos propósitos da pesquisa. Por isso, Luria (2013) optou começar por longas conversas com os sujeitos da pesquisa em lugares considerados mais tranquilos como a casa de chá – “onde os moradores dos vilarejos passavam a maior parte do seu tempo livre - ou ainda em acampamentos nas pastagens e dos vales e montanhas ao redor de fogueiras à noite” (LURIA 2013, p. 32).

Essas conversas aconteciam em pequenos grupos e tomavam o formato de troca de opiniões entre os participantes. Os experimentadores introduziam gradualmente as questões preparadas e a discussão se tornava uma extensão natural da conversa, que eles não anotavam no momento e conduziam numa direção "clínica", sem interrupção do fluxo livre de troca de ideias. O registro dessas entrevistas ficava a cargo de um assistente, que se colocava perto do grupo de discussão, tomando cuidado para não atrair a atenção, essas anotações eram passadas a limpo ao final de cada sessão de entrevistas e os dados processados.

O autor pesquisou vários aspectos que pudessem fornecer dados da formação histórica e cultural dos processos psíquicos dos indivíduos pesquisados, na tentativa de analisar a estrutura psicológica desses processos e as mudanças estruturais que ocorrem quando as formas de atividades dessas pessoas foram reestruturadas. Para isso, Luria (2013) utilizou vários procedimentos diferentes para atingir os objetivos da pesquisa.

De maneira sintetizada expomos no demonstrativo apresentado no Quadro 1.

Quadro 1 – Demonstrativo dos processos psíquicos pesquisados e dos procedimentos utilizados por Luria, 2013

(continua)

<p>Dedução e Inferência</p> <p>Descrição do procedimento</p>	<p>- Experimentos com Silogismos ¹³</p> <p>Era apresentado aos sujeitos um silogismo completo, incluindo as premissas maior e menor. Solicitava-se então que repetissem o sistema inteiro, para determinar se haviam percebido os componentes como partes de um único esquema lógico ou como julgamentos isolados. Dava-se atenção especial às distorções das premissas e às questões que ocorriam durante a repetição. Essas distorções podiam fornecer um critério preciso de quanto o silogismo havia sido percebido como um sistema unificado.</p>
<p>Raciocínio e Solução de Problemas</p> <p>Descrição do procedimento</p>	<p>- Solução de Problemas Simples</p> <p>- Solução de Problemas Hipotéticos (Conflito)</p> <p>Aos sujeitos era solicitado que resolvessem um problema simples numérico e bastante concreto no seu conteúdo.</p>
<p>Imaginação</p> <p>Descrição do procedimento</p>	<p>- Experimentos com Interrogatório Livre</p> <p>Os próprios sujeitos eram solicitados a fazer quaisquer três perguntas ao experimentador.</p>

¹³ Silogismo é um enunciado no qual, uma vez estabelecidas certas coisas, segue-se necessariamente outra coisa distinta destas pelo fato destas serem assim. Por 'estas serem assim' entendo o ocorrer por causa delas, e o 'ocorrer por causa delas' entendo o carecer de nenhum termo exterior além daqueles que foram estabelecidos para gerar o necessário (PRI. AN. I, 1 24b, p. 19-27 in OLIVEIRA, 2016, p. 51).

Quadro 1 – Demonstrativo dos processos psíquicos pesquisados e dos procedimentos utilizados por Luria, 2013

(conclusão)

<p>Auto-Análise e Autoconsciência</p>	<p>- Experimentos de Auto-Análise e Auto- Avaliação - Avaliação das Próprias Características Psicológicas</p>
<p>Descrição do procedimento</p>	<p>O método de pesquisa utilizado por Luria (2013) foi simples. Ao longo de uma conversa, os pesquisadores perguntavam ao sujeito como ele avaliava o seu próprio caráter, de que forma ele diferia de outras pessoas e que traços positivos e dificuldades ele poderia discernir nele mesmo. Para isso, eram feitas questões semelhantes sobre outras pessoas, tais como parentes, conhecidos dos <i>kolkhozes</i>¹⁴, ou habitantes do mesmo vilarejo.</p>

Fonte: Quadro elaborado pela autora pautada na obra de Luria (2013).

Luria (2013, p. 218) conclui sua pesquisa afirmando que: “as características básicas da atividade mental humana podem ser entendidas como produtos da história social, elas estão sujeitas a mudanças quando as formas de prática social se alteram; são, portanto, sociais em sua essência”.

O autor ainda alerta para o fato de que mesmo sendo publicada 40 anos após sua aplicação prática, seria de pouca utilidade tentar replicá-la na mesma região, pois esta se transformou em parte do Estado socialista desenvolvida social e economicamente, e os dados obtidos seriam pouco diferentes daqueles que um pesquisador obteria em qualquer outra região da União Soviética (LURIA, 2013). Ou seja, aquele foi um período único de mudanças tão relevantes no contexto histórico-cultural de uma região, período que dificilmente se repetirá na história da humanidade, o que torna tal pesquisa fonte de um conhecimento ímpar e de fundamental importância em nossas referências.

¹⁴ Kolkhozes - Trabalhadores de fazendas coletivas (LURIA, 2013, p. 30).

4.2 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA

Seguindo a fundamentação teórica fornecida pelos estudos de Luria e Vigotski na referida pesquisa, elaboramos, em parte, uma maneira de aplicar na atualidade os pressupostos defendidos na obra citada. Sabedores de que o contexto histórico-cultural de uma comunidade, ou região, dificilmente poderia ser estudado por nós, pensamos em utilizar-nos das informações que tínhamos disponíveis e acessíveis para a realização de uma pesquisa nos mesmos moldes e partindo dos mesmos princípios. Visto que, com a globalização, os recursos tecnológicos tão avançados e acessíveis, a alta conectividade e a rapidez dos meios de comunicação, os jovens acabam por ficar expostos ao mesmo volume de informações e comunicação rápida.

Foi então, que pensamos em comparar dois grupos distintos de alunos de comunidades e regiões diferente de uma mesma cidade, que tivessem sido expostos a uma média igual ou próxima dos conteúdos escolares, com faixa etária similar, mas de *aspectos histórico do desenvolvimento intelectual em sentido bem diferentes*. Isso se justifica diante dos diferentes processos de realidades que pudemos observar e analisar em dois grupos de alunos que estudam em escolas que se localizam em diferentes regiões/bairros da mesma cidade. Uma escola pública localizada em um bairro de comunidade carente, dependentes de assistências sociais, e outro grupo de alunos de uma escola particular, localizada no centro da cidade, cujo perfil é de independência de assistências sociais. Mas que vivenciam a mesma prática social para a produção da vida material, ou seja, vivem dentro do mesmo sistema capitalista de geração de renda.

A presente pesquisa de cunho bibliográfico exploratória, propôs-se a analisar o desenvolvimento da linguagem por meio do significado das palavras, por alunos que vivenciam diferentes processos de realidades (o que neste trabalho também concebemos como contexto social, porém, num sentido bem específico para delimitar o espaço de vivência do nosso público-alvo, os alunos participantes da pesquisa) no mundo exterior à escola, pois, acreditamos que indivíduos que vivenciam processos de realidades diferentes nomeiam também os significados das palavras de forma diferente. Isto significa dizer que, ainda que os alunos tenham sido expostos aos mesmos conteúdos escolares, o meio em que vivem pode

influenciar no seu desenvolvimento intelectual, para mais ou para menos, a depender do grau de incentivo e direcionamento que recebem.

A ideia de que os processos mentais dependem das formas ativas de vida num ambiente apropriado tornou-se um princípio básico da psicologia materialista. Essa psicologia também admite que as ações humanas mudam o ambiente de modo que a vida mental humana é um produto das atividades continuamente renovadas que se manifestam na prática social. O modo pelo qual as formas da atividade mental humana historicamente estabelecidas se correlacionam com a realidade passou a depender cada vez mais de práticas sociais complexas (LURIA, 2013, p. 23).

Considerando que Luria (2013) afirma claramente que: "[...] as palavras são unidades linguísticas básicas, e carregam, além de seu significado, também as unidades fundamentais da consciência que refletem o mundo exterior" (LURIA, 2013, p. 24), partimos do pressuposto que, ao estudarmos os significados que diferentes comunidades escolares dão às mesmas palavras, podemos analisar se existe diferença no desenvolvimento da linguagem e da estrutura do pensamento apropriado entre elas, devido ao fato de vivenciarem realidades diferentes, conforme relatadas no Projeto Político Pedagógico¹⁵ (PPP) das instituições que frequentam, disponíveis no site de todas as instituições de ensino.

Nesse momento abrimos um parêntese para explicar que Luria (2013) faz referências ao contexto sócio-econômico dos indivíduos pesquisados por ele, mas optamos por não abordar este termo, porque não pretendemos aprofundar nossa análise nas questões de cunho sociológico. Evitamos estas questões para não estender demasiadamente nosso conteúdo e não mudar o foco de nossa discussão, vamos nos ater apenas no âmbito da teoria histórico-cultural sobre o desenvolvimento da linguagem e a estrutura psíquica de apropriação do significado das palavras, esclarecendo que por estrutura psíquica entendemos também como consciência do significado das palavras.

¹⁵ O projeto político-pedagógico é concebido na perspectiva da sociedade, da educação e da escola, ele aponta um rumo, uma direção, um sentido específico para um compromisso estabelecido coletivamente (VEIGA, 2010).

Fizemos um recorte bem específico e contemplamos apenas o *aspecto histórico do desenvolvimento intelectual dos indivíduos* pesquisados, mantendo a definição de alguns termos próprios para essa pesquisa. Utilizando somente as informações que estão expostas no PPP de cada instituição participante, pois estes, de fato, refletem o contexto/realidade que os alunos vivenciam.

Os grupos escolhidos para obtenção dos dados analisados foram alunos do 9º (nono) ano do Ensino Fundamental, com faixa etária de 14 nos de idade, por serem alunos que já passaram no mínimo 9 (nove) anos na escola, portanto já sabem ler, escrever, reconhecer figuras geométricas básicas e responder perguntas sobre sua realidade de recursos e acessos, ou seja, são grupos que não teríamos dificuldades na aplicação do nosso instrumento de coleta de dados.

O instrumento de coleta de dados (Apêndice A), foi elaborado pautado nos pressupostos da pesquisa de Luria (2013), consiste de 6 (seis) perguntas sobre o acesso de leitura dos alunos, dentro e fora do ambiente escolar, pois sabemos que o incentivo à leitura é de fundamental importância para a aquisição desse hábito.

Perguntamos se eles têm ou não acesso à internet e, se este acesso é mais usado para jogos, filmes, ou as duas coisas, visto que são dois recursos lúdicos e prazerosos para esta faixa etária. Nesse caso, podemos afirmar que em nossa prática docente ouvimos muito eles conversarem sobre jogos e filmes.

Perguntamos também se os indivíduos lembravam de algum conteúdo estudado na escola ainda esse ano, e, caso lembrassem, qual seria. Esta questão se justifica devido nossa prática docente diária, já que observamos cada vez menos os alunos se apropriarem dos conteúdos escolares, dado que chegam na aula do dia seguinte, sem ao menos lembrar o que foi ensinado na aula anterior, o que dificulta a sequência e o progresso do trabalho docente.

No referido instrumento, também criamos uma lista com 10 (dez) palavras que foram coletadas dos materiais didáticos utilizados por cada uma das instituições de ensino e, por meio de sondagens realizadas durante os intervalos das aulas das referidas instituições. São palavras utilizadas pelos próprios alunos durante suas conversas nos momentos livre e descontraído do lanche. Assim como Luria (2013) e seus assistentes, a pesquisadora se posicionava próximo às rodinhas de conversas dos alunos, sem chamar a atenção e anotava alguns dos termos utilizados por eles. Pensamos nesse número reduzido de palavras para que não elaborássemos uma

lista muito extensa, que poderia se tornar desinteressante e maçante para eles responderem.

Finalizando o instrumento de coleta de dados solicitamos que os alunos nomeassem 6 (seis) figuras geométricas: retângulo, pentágono, quadrado, hexágono, círculo e triângulo, que deveria ser comum para eles, pelo fato de já terem estudado como conteúdo escolar, além de ser figuras vistas em vários veículos de comunicação como na internet, nas placas de localização, entre outros meios na atualidade. A intenção foi de analisar se os alunos apropriaram a grafia (escrita) correta das figuras geométricas que representam símbolos sociais, ou seja, se eles sabem o nome dos símbolos que utilizam. Isto nos daria uma base do nível de aquisição dos significados das palavras apropriados por eles, pois sabemos que é possível utilizar um símbolo sem saber o que este significa, ou mesmo seu nome correto.

Apoiadas em Luria (2013), o quadro demonstrativo da nossa pesquisa é:

Análise	Procedimento
Perfil dos indivíduos	Seis perguntas elaboradas para saber seu nível de acesso a recursos tecnológicos, conectividade, e leitura, pois, como já citamos anteriormente, estas respostas nos deram a noção de que esses alunos conhecem e acessam os meios de comunicação atuais, recebendo o mesmo volume de informações, características da sociedade moderna. Podemos considerar que nossos grupos de análise têm características muito próximas em vários aspectos, com a diferença que nosso ambiente é o contexto educacional.
Lista de Palavras	Palavras extraídas dos materiais didáticos utilizados pelos dois grupos de alunos e também palavras obtidas por meio de sondagens realizadas nos dois ambientes escolares, com o objetivo principal de analisar o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos pesquisados, pois "conforme a ideia de Vygotsky, o significado das palavras muda no decorrer do desenvolvimento cognitivo" (LURIA, 2013, p. 122).

Nomeação de Figuras Geométricas	Utilizamos a nomeação de figuras geométricas, uma vez que, concordando com Luria (2013, p. 49), "desejávamos verificar o palpite de que a percepção da forma dependeria bastante da experiência prática do sujeito [..]"
---------------------------------	--

Fonte: A autora.

Para a realização da pesquisa citada, Luria (2013), contou com a mudança do contexto histórico-cultural das regiões pesquisadas por ele, pois de fato, foi um momento de mudança de regime político e sócio-econômico daqueles locais e o pesquisador estava, pessoalmente, no local para observar e registrar as percepções daquele contexto.

Nossa realidade atual não nos permite fazer tal tipo de observação, porém, pautados nos estudos da referida pesquisa e na teoria histórico-cultural, ou seja, à luz desses estudos, acreditamos que por meio dessas perguntas conseguimos fazer um recorte específico do aspecto que desejamos abordar em nossa pesquisa, e por meio do instrumento elaborado por nós, conseguimos delinear o perfil de acesso à leitura, aos recursos tecnológicos e conectividade dos indivíduos pesquisados.

Nosso pensamento foi de elaborar um instrumento de coleta dados simples, prático e de fácil aplicação, de modo que conseguíssemos dados válidos e suficientes para nossa análise, mas que não dificultasse o andamento das atividades das instituições de ensino, que tão gentilmente nos cederam o espaço para a pesquisa.

A aplicação do instrumento de coleta de dados foi feita pelos próprios professores das referidas turmas, como sendo uma atividade cotidiana a ser executada, sem a presença da pesquisadora na sala de aula no momento da aplicação, sem nenhum tipo de registro de identificação, nem de nomes, nem de imagens. Bem como Luria (2013) relatou na aplicação de sua pesquisa, consideramos que a presença de uma figura estranha ou até mesmo informações sobre a pesquisa poderia exercer influência psicológica nos indivíduos, modificando a naturalidade e a espontaneidade das respostas dadas, o que poderia comprometer a fidelidade do processo de investigação.

O alvo desta pesquisa não é identificar nenhuma das instituições de ensino pesquisadas, e como já citamos anteriormente, também não pretendemos abordar outro tipo de questões que permeiam o ambiente escolar. Pensamos nesse

ambiente, pois são os locais onde se encontram um grande número de alunos representativos das diferentes realidades que visualizamos e que apesar de estarem dentro da mesma cidade, contemplam contextos sociais¹⁶ diferentes, e seus PPP são referências suficientes para identificar o perfil de acordo com o recorte da pesquisa.

A coleta dos dados foi realizada de maneira bem pontual, isto é, participaram da coleta de dados três turmas de 9º ano de cada instituição de ensino. Entregamos o instrumento para alguns professores que ministram aula nas referidas turmas, e aguardamos que eles aplicassem e devolvessem. Coletamos uma amostra, pois a pesquisa não contempla nenhum tipo de intervenção, nem observação posterior. Os dados coletados foram analisados à luz da teoria histórico-cultural.

A identificação das instituições e as devidas autorizações para a realização do trabalho, foi feita ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), ao qual este trabalho foi submetido, para que pudessem validar que os dados foram coletados de maneira fidedigna em comunidades escolares reais e não retirados de outras fontes ou inventados. Mas quando da publicação dessa pesquisa, as instituições serão nomeadas apenas como A e B, sem nenhum tipo de identificação individual ou coletiva de pessoas ou instituições, para evitar qualquer tipo de comparação ou constrangimento, pois nosso intuito é exclusivamente a geração de aporte teórico e conhecimento acadêmico.

Assim como Luria (2013) demonstrou ao longo da sua pesquisa que, os processos mentais são de origem sócio - históricas e de manifestações que ocorrem na consciência humana e que são formados nas práticas básicas da atividade do sujeito influenciados diretamente pela cultura existente no meio em que vive, esta pesquisa propôs-se a visualizar de maneira prática a aplicação desta teoria, por meio do recorte da amostra das referidas comunidades escolares. Considerando as explicações de Luria de que a palavra é a unidade básica da linguagem e que dar significados diferentes para a mesma palavra indica níveis diferentes de desenvolvimento da linguagem e de consciência do mundo exterior, buscamos compreender como ocorre o desenvolvimento da linguagem dos alunos que

¹⁶ Ambiente socialmente determinado. O estado do indivíduo inclui não só o seu estado biológico e fisiológico, mas sua interpretação estrutural do mundo, como ele o vivencia, baseado nas suas experiências prévias de socialização como membro da cultura (ROAZZI; COLLEGE, 1987).

vivenciam contextos diferentes, se eles apresentam níveis diferentes e, se têm consciência do significado das palavras.

Nossa hipótese é de que o contexto e a disponibilidade dos recursos didático-escolares influencia na apropriação do significado das palavras, exercendo influência direta sobre a apropriação dos conceitos por meio da linguagem veiculada nesses meios, ou seja, indivíduos de contextos mais favorecidos e melhor estruturados, com recursos de várias origens, melhor direcionamento acadêmico incentivo, aprendem melhor o significado correto das palavras, enquanto que, os indivíduos de contextos menos favorecidos que não contam com uma estrutura tão completa de apoio e direcionamento acadêmico, aprendem menos. Nossas pesquisas apontam que isso pode ser determinante na apropriação dos conteúdos veiculados na escola.

Ressaltamos que, nossas afirmações são feitas em linhas gerais, de acordo com nosso estudo deste ponto específico da teoria histórico-cultural, não pretendemos afirmar que existe o isolamento de nenhum dos grupos ao seu contexto atual, pois entendemos que todo ser humano é livre e passível de todo tipo de mudança, e isto inclui, modificar o meio em que vive. Nossa análise foi pontual, com um recorte específico a respeito do desenvolvimento intelectual em sentido bem diferentes.

4.2.1 Análise dos Projetos Políticos Pedagógicos

Define a identidade da escola e indica caminhos para ensinar com qualidade.

4.2.1.1 Projeto Político Pedagógico da Instituição A (GRUPO A)

Esta escola está localizada no centro da cidade de Paranavaí, atende um total de novecentos e quinze (915) alunos, nas modalidades da Educação Infantil ao Ensino Médio, nos períodos matutino e vespertino, já existe a mais de sessenta anos na cidade e seu Projeto Político Pedagógico (PPP) atual foi elaborado em 2016. Considerando que o PPP é constituído pelo marco situacional, marco conceitual e marco operacional (VASCONCELLOS, 2010), no caso específico do PPP da escola

pesquisada, no seu Marco Situacional¹⁷, a instituição apresenta a realidade em que está inserida e o perfil da comunidade escolar que é considerada heterogênea, atendendo alunos de várias classes sociais, como as denominadas classe alta, média alta, média, média baixa, sendo que 90% dos alunos são declarados de cor branca. Os 10% restantes são declarados pardos, amarelos e negros.

Quanto à escolaridade dos pais de alunos, 75%, possuem curso superior completo, sendo que 7% destes possuem mestrado e/ou doutorado. Na porcentagem restante encontram-se pais com ensino superior incompleto e ensino médio completo. Entre as profissões desempenhadas pelos pais podemos citar médicos, advogados, administradores, engenheiros, pecuaristas, empresários, professores, comerciantes, motoristas, funcionários públicos, etc.

Por meio de um questionário socioeconômico, levantamos que os pais dos alunos esperam da instituição um ensino de alto nível, num espaço físico adequado e organizado, com recursos didáticos modernos, com professores comprometidos com a qualidade do ensino e garantindo bom nível de aprendizagem de forma que esta possibilite aos alunos concorrerem com êxito nos concursos vestibulares das mais conceituadas universidades do país, além de uma sólida formação humana e de valores importantes para a convivência social e a vida plena. Isso pressupõe que a escola contribui com a formação de cidadãos, lideranças e profissionais para a sociedade.

Os alunos apresentam em geral, um comportamento disciplinado conhecendo e cumprindo as regras de funcionamento da escola e da sala de aula. Também é notado um bom relacionamento dos alunos entre si, com professores e funcionários, o que torna o clima do colégio bastante harmonioso. São vivenciados casos esporádicos de *bullying* e indisciplina, que não chegam a afetar este ambiente. A indisciplina é trabalhada por todos os agentes educacionais em todos os contextos e espaços, amparados pelo Regimento Escolar.

Outro aspecto observado se refere às expectativas de aprendizagem, principalmente para enfrentamento dos concursos vestibulares das mais conceituadas universidades públicas do país e para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O conhecimento acadêmico é muito valorizado, e a sua apropriação

¹⁷ Marco situacional descreve a realidade na qual desenvolvemos nossa ação: é o desvelamento da realidade sociopolítica, econômica, educacional (VEIGA, 2008).

transcorre de maneira satisfatória, gerando resultados extremamente positivos, inclusive com a aprovação da maioria de nossos alunos em vários vestibulares nos últimos anos.

4.2.1.2 Projeto Político Pedagógico da Instituição B (GRUPO B)

Esta escola está localizada em um bairro que atende regiões periféricas do município de Paranaíba e a população que a compõe é carente, com baixa situação sócio-econômico-cultural. Atende um total de quatrocentos e oitenta e sete alunos (487) alunos, nas modalidades do Ensino Fundamental II, do 6º ao 9º ano, nos períodos matutino e vespertino. Esta instituição já existe a mais de cinquenta anos na cidade.

Os dados aqui apresentados, também foram coletados do PPP elaborado em 2012. No marco situacional levantamos aspectos com relação aos pais dos educandos. Cerca de 70% obtém sua subsistência em ocupações sem carteira assinada, são coletores de lixo reciclável, boia-fria, entre outras atividades informais. Muitas famílias são formadas apenas pelos filhos e as mães que geralmente trabalham como domésticas ou diaristas, também não são poucos os casos em que quem assume a responsabilidade pelas crianças são os avós.

A comunidade escolar é atendida pelos programas sociais criados pelo governo como: Bolsa Família, Formando Cidadão, Guarda Mirim, e também que frequentam o Centro de Atendimento Especial à Criança e ao Adolescente de Paranaíba (CECAP), que de maneira paliativa suprema a falta de emprego e remuneração justa, certas vezes, tornando-se quase que única fonte de renda, o que garante a presença dos educandos na escola, mas não garante a valorização do saber, visto por pais e educandos como único motivador para a frequência escolar.

Neste contexto, o assistencialismo é praticado nas escolas que recebem crianças doentes, carentes de recursos e desmotivadas, sem esperança em um futuro melhor. A presença dos responsáveis para acompanhar o desempenho dos filhos fica comprometida pelo excesso de trabalho ou por acreditarem ser incompetentes diante da tarefa de auxiliar a escola na formação de seus filhos.

O conhecimento formal é escasso, pois a luta pelo pão de cada dia impede que se disponha de recursos para a aquisição de livros, revistas ou jornais, assim,

as crianças que não adquiriram o hábito da leitura na família, acabam desvalorizando esta prática, dificultando o trabalho dos professores que precisam despertar o interesse com práticas diárias de leitura, pois o espaço escolar é efetivamente o único momento em que têm contato com a leitura.

As moradias precárias impossibilitam espaço adequado para realização das tarefas escolares, pois a maioria dos alunos moram em conjuntos habitacionais que se localizam em regiões sem infra - estrutura e as casas têm espaço reduzido para o número de moradores, quando não vivem em barracos erguidos com restos de diversos materiais, como tábuas, lonas e papelão, que se formam no entorno dos conjuntos habitacionais, vivendo em condições sub-humanas.

Os problemas disciplinares têm se agravado visivelmente, o que tem dificultado o bom andamento das atividades escolares e notadamente gerado dificuldades de aprendizagem, somam-se a este a desigualdade social que expõe estes alunos e suas famílias a luta pela sobrevivência, sendo privados, muitas vezes, até mesmo de alimentação adequada e ao seu pleno desenvolvimento físico e intelectual.

A falta de motivação e perspectiva de vida e a falta de compromisso de algumas famílias com a educação dos filhos, os problemas familiares, dificuldades econômicas, falta de escolarização dos pais, desrespeito pelos outros e por si, entre outros fatores estão presente no cotidiano da escola.

Muitos alunos faltam às aulas sem justificativa e mesmo chamando os pais e orientando-os quanto à responsabilidade deles pela frequência e acompanhamento do rendimento escolar de seus filhos, a escola não consegue reverter este quadro.

Em alguns casos, os que são considerados mais graves, a escola faz um relatório ao Conselho Tutelar e mesmo assim continuam a faltar, o que no final do ano letivo, inevitavelmente, são reprovados, aumentando assim, o número de alunos fora da idade/ano/série, o que gera outro problema, a indisciplina em sala de aula e brigas dentro e fora da escola.

4.3 RESULTADOS REFERENTES AOS DADOS COLETADOS ENTRE AS DUAS INSTITUIÇÕES ESCOLARES

De acordo com o exposto anteriormente, daremos continuidade às análises apresentando a seguir os resultados dos dados coletados nas instituições de ensino que participaram da pesquisa, demonstrando o perfil dos indivíduos pesquisados, por meio das perguntas (Quadro 2 a 7) que eles responderam sobre acesso à internet, leitura, jogos, recursos tecnológicos e conectividade.

Apresentaremos também o Quadro 8 com a lista de palavras aplicada aos dois grupos, e as Figuras 1 a 6 com figuras geométricas, com a quantidade de acertos e erros de cada grupo para apresentar as análises sobre o desenvolvimento da linguagem e pensamento e a formação da consciência por meio do significado das palavras.

4.3.1 Análise comparativa dos resultados coletados entre duas instituições escolares

Para facilitar a leitura e a visualização dos resultados apresentaremos as respostas de cada pergunta em quadros separadamente. Nominamos os alunos da instituição A de GRUPO A e os alunos da instituição B de GRUPO B. Foram pesquisados um total de 132 alunos, sendo 66 de cada instituição de ensino.

Bem como Luria (2013) identificou na sua pesquisa, os grupos com aos quais ele trabalhou foi abordado os seguintes aspectos: o perfil sócio - histórico de formação e de instrução escolar, entre os quais existiam, mulheres analfabetas e sem nenhum envolvimento em atividades sociais modernas (da época); camponeses analfabetos e que não participavam de nenhum tipo de trabalho socializado; mulheres sem nenhuma educação formal e quase nenhum treino em alfabetização; trabalhadores de fazendas coletivas (*kolkhoz*) e jovens que haviam 'feito cursos rápidos, e, mulheres estudantes com qualificações escolares de nível bem baixo" (LURIA, 2013, p. 30), ou seja, ele identificou o perfil dos indivíduos que responderiam aos seus experimentos.

Assim, nós também, elaboramos seis breves perguntas (Quadro 2 a 7), com o objetivo de delinear o perfil dos indivíduos que participaram de nossa pesquisa, para saber seu nível de acesso a recursos tecnológicos, conectividade, e leitura, pois,

como já citamos anteriormente, estas respostas nos deram a evidência de que esses alunos conhecem e acessam os meios de comunicação atuais, recebendo o mesmo volume de informações, características da sociedade moderna. Reforçamos que, não faremos uma análise tão ampla quanto a de Luria, mas podemos considerar que nossos grupos de análise têm características muito próximas em vários aspectos, com a diferença que nosso ambiente é o contexto educacional.

Quadro 2 - Pergunta 1 do instrumento de coleta de dados

Você tem acesso à internet?	Grupo A		Grupo B	
	Sim	Não	Sim	Não
	65	1	61	5

Fonte: A autora.

Nos últimos anos presenciamos o grande avanço da tecnologia, a internet se popularizou e o acesso aos recursos tecnológicos ficou bastante facilitado, fazendo com que a grande maioria das pessoas, principalmente jovens na faixa etária dos indivíduos pesquisados, tenham à disposição celulares, tablets, computadores e demais recursos.

A comunicação no ambiente virtual trouxe possibilidades que até então não existiam. O surgimento da Internet proporcionou que as pessoas pudessem difundir as informações de forma mais rápida e mais interativa. Esta nova era da comunicação surge então para reconfigurar os espaços já conhecidos, assim como a estrutura da sociedade (ARAÚJO; RIOS, 2012, p. 3).

Notamos que as respostas dos indivíduos dos dois grupos pesquisados são muito próximas, ou seja, podemos dizer que a maioria dos alunos dos dois grupos têm acesso à internet, o que faz com que isso não seja privilégio de apenas um dos grupos, e que os alunos dos dois grupos sejam semelhantes nesse aspecto da pesquisa.

Quadro 3 - Pergunta 2 do instrumento de coleta de dados

Você tem acesso à leitura fora da escola?	Grupo A		Grupo B	
	Sim	Não	Sim	Não
	63	3	36	30

Fonte: A autora.

Quando da formulação desta pergunta em nosso instrumento de coleta de dados, não nos atentamos para o fato de que ela ficou redundante, pois, por meio da internet, os estudantes podem ter acesso também à leitura, e somente após observação da banca avaliadora tomamos consciência de que, o direcionamento adequado deveria ter sido para o hábito da leitura, pois acesso eles têm, mas não têm o hábito de buscar este conhecimento.

Sabemos que o acesso à leitura é de fundamental importância para a formação de cidadãos críticos e emancipados intelectualmente, capazes de pensar por si próprios e modificar o meio em que vivem, tornando-se participantes de sua realidade social, por isso, perguntamos se os indivíduos pesquisados têm acesso à leitura fora da escola, pois no ambiente escolar é inevitável que estes tenham esse acesso.

[...] é por meio da leitura que podemos formar cidadãos críticos, uma condição indispensável para o exercício da cidadania, na medida em que torna o indivíduo capaz de compreender o significado das inúmeras vozes que se manifestam no debate social e de pronunciar-se com sua própria voz, tomando consciência de todos os seus direitos e sabendo lutar por eles. Ao lermos um texto estabelecemos um diálogo entre tudo o que sabemos e aquilo que o texto nos traz de novo, atribuindo significado ao que lemos, utilizando assim apropriadamente os recursos argumentativos para sustentarmos nossos pontos de vista. Ler não é adivinhar e nem decifrar os significados. Ler é reformular esses significados tantas vezes quantas forem necessárias a partir do encontro entre novas idéias e opiniões, daí decorre a conclusão de que é nos textos e pelos textos que podemos adquirir a competência de operar criativamente, um tipo de saber cada vez mais singular na contemporaneidade [...] (BRITO, 2010, p. 1-2).

Nesta questão podemos observar uma diferença grande entre as respostas dos dois grupos, pois, enquanto a grande maioria dos alunos do grupo A têm acesso

à leitura fora da escola, quase 50% dos alunos do grupo B responderam não ter acesso, o que indica um nível inferior de acesso à leitura fora da escola por parte do grupo B. De acordo com a citação acima, pode significar, entre outros, menos criticidade, consciência e compreensão do significado de sua atuação social, por parte dos alunos do grupo B.

Quadro 4 - Pergunta 3 do instrumento de coleta de dados

Você leu algum livro ano passado?	Grupo A		Grupo B	
	Sim	Não	Sim	Não
	64	2	34	32
Quantos?	Grupo A		Grupo B	
	290 Livros		41 Livros	

Fonte: A autora.

Continuando o questionamento, exposto na questão anterior, perguntamos sobre a quantidade de leitura que os indivíduos fizeram no decorrer de um ano, pois sabemos da importância fundamental que ela pode exercer na vida de um indivíduo.

Por meio da leitura resgatamos nossas lembranças mais especiais, que fazem parte da nossa cultura. Essa cultura que nos foi dada tem como finalidade a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus atos, porém essa cultura se dilui e se perde diariamente, e é este saber, esta cultura que precisa ser recuperada. Podemos ressaltar que a leitura não se constitui em um ato solitário, nem em atividades individuais, o leitor é sempre parte de um grupo social, certamente carregará para esse grupo elementos de sua leitura, do mesmo modo que a leitura trará vivências oriundas do social, de sua experiência prévia e individual do mundo e da vida (BRITO, 2010, p. 3).

Sobre a quantidade de livros lidos por cada grupo, observou-se que os alunos do grupo A, supera em sete vezes a quantidade de livros lidos pelos alunos do grupo B, o que indica um grau de leitura muito superior do primeiro grupo. No entanto, é preciso esclarecer que não investigamos o tipo de leitura realizada pelos alunos, pois nem sempre quantidade significa qualidade, mas os dados apresentados até o

momento indicam que o Grupo A tem mais acesso à uma educação formal com mais estímulos que o Grupo B.

Quadro 5 - Pergunta 4 do instrumento de coleta de dados

Você lembra algum conteúdo que já estudou este ano?	Grupo A		Grupo B	
	Sim	Não	Sim	Não
	63	3	49	17

Fonte: A autora.

Como já citamos anteriormente nossa prática docente demonstra que há a falta de continuidade na sequência dos conteúdos trabalhados pelos professores devido ao fato dos estudantes relatarem não se lembrar do conteúdo anterior, isto certamente compromete o nível de apropriação dos conhecimentos acadêmicos trabalhados no ambiente escolar, por isso, decidimos incluir em nossas perguntas, se os alunos pesquisados se lembravam de algum conteúdo que tinham estudado durante o ano.

Constatamos que os alunos do grupo A responderam em maior quantidade, se lembrar de conteúdos estudados no decorrer do ano, o que pode indicar um nível maior de apropriação dos conteúdos do que os alunos do grupo B, pois o primeiro sinal de que um conhecimento foi apropriado, é lembrar-se de quando ele foi estudado.

Quadro 6 - Pergunta 5 do instrumento de coleta de dados

Jogou algum jogo pela internet este ano?	Grupo A		Grupo B	
	Sim	Não	Sim	Não
	46	20	42	24

Fonte: A autora

Na atualidade os jogos se tornaram um importante instrumento no processo de ensino e aprendizagem de vários tipos de conhecimentos, em nossa prática docente presenciamos a veiculação de vários jogos educativos para o trabalho com todos os conteúdos escolares, presenciamos também, muitos relatos e situações de prática de jogos on-line por parte dos indivíduos da faixa etária pesquisada, por isso

decidimos perguntar aos indivíduos participantes de nossa pesquisa se eles já tinham jogado algum jogo pela internet no decorrer deste ano.

Observamos então uma diferença mínima entre as características dos dois grupos, sendo que a maioria dos alunos jogam on-line, ficando expostos ao mesmo tipo de informações veiculadas neste meio.

Quadro 7 - Pergunta 6 do instrumento de coleta de dados

Você assistiu algum filme pela internet este ano?	Grupo A		Grupo B	
	Sim	Não	Sim	Não
	56	10	55	11

Fonte: A autora.

Os filmes podem ser recursos valiosos quando bem direcionados, ou indicados pelos professores, podem auxiliar no trabalho dos conteúdos estudados e conhecimentos em geral, por meio deles é possível aprender muitas coisas. Em nossa prática docente ouvimos os jovens dessa faixa etária conversarem sobre filmes na atualidade, por isso perguntamos se os indivíduos participantes da nossa pesquisa assistiram, alguns filmes pela internet esse ano.

Novamente observamos uma diferença muito discreta entre as respostas dos grupos pesquisados, pois quase o mesmo número de alunos dos dois grupos responderam ter assistido a algum filme pela internet.

Com a chegada de novas tecnologias, como os transistores, os circuitos integrados e os microprocessadores, os meios de comunicação de massa puderam se popularizar, oferecendo inúmeros benefícios à comunicação. Tanto a recepção, quando a emissão de mensagens, foram modificadas, permitindo a facilidade do acesso à informação e a expressão individual em variados discursos (ARAÚJO; RIOS, 2012, p. 2).

De modo geral, podemos observar que o perfil de acesso e conectividade dos alunos dos dois grupos é muito parecido. Atribuimos isso, como já citamos anteriormente, ao fato de que os recursos tecnológicos como celulares, tablets, computadores e afins, estão bem mais fáceis de serem adquiridos na atualidade, e o

uso da internet também se popularizou bastante, deixando de ser privilégio de poucos, isso que permite que a comunicação rápida e informações de todo tipo cheguem a um número maior da população. Martins (1994) define o que significa ler:

[...] mostrando que este ato não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos nossos horizontes. O leitor passa a entender melhor o seu universo, rompendo assim as barreiras, deixando a passividade de lado, encarando melhor a face da realidade (MARTINS, 1994 *apud* BRITO, 2010, p. 3).

A característica que chamou nossa atenção se refere a grande diferença na questão sobre o acesso à leitura e à quantidade de livros lidos pelos alunos dos dois grupos, sabemos que os livros, desde os primórdios da humanidade, são a principal fonte de possibilidade de apropriação de conhecimentos diversos e o estímulo à leitura sempre foi bastante valorizado no ambiente escolar, pois sabemos que as pessoas que lêem bem, são capazes de desempenhar melhor outros papéis na sociedade, podendo ela ser determinante para a modificação do meio em que vivem os indivíduos.

Dando continuidade à nossa análise, apresentaremos a seguir, o Quadro 8 com a lista de palavras aplicadas aos dois grupos.

Quadro 8 - Lista de Palavras Aplicadas

Palavras		Grupo A		Grupo B	
		Acertos	Erros	Acertos	Erros
1	Acumular	64	2	50	16
2	Postar	61	5	20	46
3	Oscilar	46	20	10	56
4	Flexível	60	6	22	44
5	Acirrado	46	20	20	46
6	Envolver	65	1	29	37
7	Erguer	63	3	40	26
8	Ornar	22	44	42	24

9	Superar	64	2	36	30
10	Baixar	63	3	36	30

Fonte: A autora.

O objetivo da elaboração e aplicação do Quadro 8 foi seguir os pressupostos evidenciados por Luria (2013), que utilizou instrumento de coleta de dados semelhante, porém, mais complexo e aprofundado, pois ele analisou também a origem de cada resposta dada pelos indivíduos participantes de sua pesquisa, aplicando um questionário sobre o significado de termos genéricos. Luria analisou além dos "acertos" e "erros" do significado atribuído, se os indivíduos empregavam em suas respostas, um pensamento predominantemente gráfico-funcional ou abstrato-verbal e lógico.

Como já explicamos anteriormente, nosso instrumento de coleta de dados contemplou apenas uma lista com palavras extraídas dos materiais didáticos utilizados pelos dois grupos de alunos e também palavras obtidas por meio de sondagens realizadas nos dois ambientes escolares, com o objetivo principal de analisar o nível de desenvolvimento cognitivo dos alunos pesquisados, pois "conforme a ideia de Vygotsky, o significado das palavras muda no decorrer do desenvolvimento cognitivo" (LURIA, 2013, p. 122).

No entanto, no âmbito de analisar a origem de cada erro, ou seja, o que foi escrito no lugar do significado de cada palavra, o que nos chamou atenção foi o fato de que entre os alunos da instituição A, a maioria não soube o significado correto da palavra ORNAR, e a maioria dos alunos da instituição B acertaram. Atribuímos isso ao fato de que percebemos, em nossa prática docente, que esta palavra é academicamente pouco utilizada, podendo ser considerada de um vocabulário menos elaborado, talvez, por isso, os indivíduos com menos conhecimento acadêmico a utilizam mais. Quanto a isso, vale a pena citar o valor dado à palavra:

Vygotsky destaca o valor fundamental da palavra como o modo mais puro de interação social, para ele, o significado da palavra é a chave para a compreensão da unidade dialética entre pensamento e linguagem e, como consequência, da constituição da consciência e da subjetividade (SOUZA, 1996, p. 126).

Martins (2013, p. 172) pautada nas afirmações de Vigotski, explica que “as conexões entre linguagem e pensamento, surgem, tão somente, durante o percurso histórico de formação da consciência humana. Não existe um vínculo primário entre a palavra e o pensamento”.

Vigotski (2001 *apud* MARTINS, 2013, p. 172), afirma categoricamente que:

Temos encontrado essa unidade, que reflete a união do pensamento e da linguagem, na forma mais simples, no significado da palavra. O significado da palavra, como temos tentado explicar, é a unidade de ambos processos, que não admite mais decomposição e sobre o qual não se pode dizer que representa um fenômeno da linguagem ou do pensamento. O significado é a própria palavra vista de seu aspecto interno. Portanto, parece que temos direito de considerá-lo, com suficiente fundamento, um fenômeno da linguagem.

Nesse aspecto, podemos considerar que estudos sobre o significado das palavras podem nos mostrar as complexas relações que se estabelecem na formação dos processos de linguagem e pensamento, pois segundo Vigotski, "o significado de uma palavra representa uma amálgama tão estreita do pensamento e da linguagem, que fica difícil dizer se se trata de um fenômeno da fala ou de um fenômeno do pensamento" (VYGOSTKY, 1987 *apud* SOUZA, 1996 p. 104), isto, para nós, significa dizer, que os alunos que acertaram mais significados de palavras têm um melhor desenvolvimento da linguagem e do pensamento com uma melhor formação de sua consciência, do que os indivíduos que acertaram menos.

[...] o uso da linguagem se constitui na condição mais importante do desenvolvimento das estruturas psicológicas superiores (a consciência) da criança. O conteúdo da experiência histórica do homem, embora esteja consolidado nas criações materiais, encontra-se também generalizado e reflete-se nas formas verbais de comunicação entre os homens sobre esses conteúdos. A interiorização dos conteúdos historicamente determinados e culturalmente organizados se dá, portanto, principalmente por meio da linguagem, possibilitando, assim, que a natureza social das pessoas torne-se igualmente sua natureza psicológica (SOUZA, 1996, p. 125).

Isso demonstra que, existem diferenças na formação da consciência dos dois grupos de alunos. Ao compararmos os acertos e erros de cada grupo, constatamos que os alunos do grupo B, sabiam menos significados de palavras do que os alunos do grupo A. Isso pressupõe que o nível de apropriação de conhecimentos acadêmicos do grupo B é menor que do grupo A, e que o fator determinante para essa ocorrência é a diferença de contexto vivenciada pelos alunos dos dois grupos.

O que defendemos e fundamentamos com a teoria histórico-cultural, basicamente, é, que os indivíduos com menos escolarização, têm um pensamento mais voltado para situações práticas da vida, e os indivíduos com mais escolarização têm um nível maior de abstração e lógica, e, conseqüentemente melhor apropriação do conhecimento acadêmico, assim explicitado por Luria (2013, p. 107):

[...] esse pensamento concreto não é inato, nem geneticamente determinado. Resulta do analfabetismo e dos tipos rudimentares de atividade predominantes na experiência cotidiana desses sujeitos. Quando muda o padrão de vida e se ampliam as dimensões da própria experiência, quando eles aprendem a ler e a escrever, a ser parte de uma cultura mais avançada, esta maior complexidade de sua atividade estimula novas ideias.

No caso da nossa pesquisa, analisamos alunos do 9º ano do ensino fundamental, ou seja, são alunos que frequentam a escola ao mesmo tempo, indivíduos expostos aos mesmos conhecimentos acadêmicos básicos, porém de contexto e realidades de vida muito diferentes, nos aspectos de incentivo aos estudos, acesso aos recursos e afins. De modo algum, pretendemos diminuir um ou outro grupo, até porquê a própria teoria na qual estamos pautadas, defende que, não existe um determinismo genético e imutável, que, enquanto ser social, o indivíduo é um ser em constante evolução, e sempre poderá se apropriar de novos conhecimentos, a partir, inclusive, do meio em que vive.

Nossas afirmações são no sentido de que, apesar de terem menos estímulos e acessos a conhecimentos academicamente elaborados, os alunos do grupo B, a depender das condições que lhes forem oportunizadas, poderão passar a frequentar outros meios sociais e avançar em direção à educação formal, e isto, certamente,

fará com que o desenvolvimento de sua linguagem e consciência sejam ampliados, bem como sua formação cognitiva.

De acordo com o exposto anteriormente, nosso instrumento de coleta de dados também utilizou a nomeação de figuras geométricas, uma vez que, concordando com Luria (2013, p. 49), "desejávamos verificar o palpite de que a percepção da forma dependeria bastante da experiência prática do sujeito [...]". Apresentamos as Figuras 1 a 6 com a quantidade de acertos e erros dos dois grupos de alunos participantes da pesquisa.

Figura 1 – Figura geométrica: retângulo

RETÂNGULO	Grupo A		Grupo B	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
	66	0	59	7

Fonte: A autora.

Figura 2 – Figura geométrica: pentágono

PENTÁGONO	Grupo A		Grupo B	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
	55	11	28	38

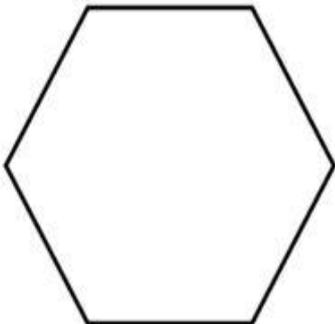
Fonte: A autora.

Figura 3 – Figura geométrica: quadrado

QUADRADO	Grupo A		Grupo B	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
	66	0	66	0

Fonte: A autora.

Figura 4 - Figura geométrica: hexágono

HEXÁGONO	Grupo A		Grupo B	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
	57	9	12	54

Fonte: A autora.

Novamente, não vamos entrar no mérito de analisar o significado de cada uma das respostas erradas dadas pelos alunos da pesquisa, mas um fato que nos chamou a atenção foi a atribuição da figura geométrica HEXÁGONO ter sido bastante atribuída a "uma casinha de abelha" e "placa de trânsito", e a forma geométrica *pentágono* ao formato de "uma casa", o que nos faz atribuir isso ao pensamento *gráfico-funcional* citado por Luria (2013) na pesquisa referenciada anteriormente. Isto significa dizer que, os alunos que não acertaram o nome dessas figuras geométricas, atribuíram a elas significados concretos e práticos relacionados à sua vida cotidiana. Vigotski evidencia tal situação quando explica que:

À medida que os sujeitos tinham mais experiências com alfabetização ou técnicas organizadas de agricultura coletiva, predominavam os nomes geométricos abstratos, e as mulheres que estavam em escolas para treinamento de professores usavam exclusivamente esses nomes. Essa diferença na forma de nomear era acompanhada por uma diferença nítida nas figuras, que eram classificadas como 'as mesmas' ou semelhantes entre si. Para os camponeses mais tradicionais, a semelhança concreta era o modo dominante de agrupamento (VYGOTSKY, 2010, p. 45).

Figura 5 - Figura geométrica: círculo

CÍRCULO	Grupo A		Grupo B	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
	59	7	57	9

Fonte: A autora

Figura 6 - Figura geométrica: triângulo

TRIÂNGULO	Grupo A		Grupo B	
	Acertos	Erros	Acertos	Erros
	65	1	66	0

Fonte: A autora.

A respeito da análise dos acertos e erros das figuras geométricas de nosso estudo, pudemos observar que os alunos do grupo A acertaram mais o nome das figuras geométricas aplicadas no instrumento de coleta de dados, do que os alunos

do grupo B, o que nos remete ao pensamento de que, os alunos do grupo A têm maior desenvolvimento da linguagem e do pensamento, e uma melhor formação de consciência de sua realidade social. Assim como Luria (2013, p. 49), podemos afirmar que:

Uma pessoa cuja atividade diária é caracterizada principalmente por condições concretas, gráfico-funcionais e pela prática, obviamente distinguirá e perceberá aspectos geométricos diferentemente de uma outra que pode basear-se no treino teórico e em um sistema de conceitos geométricos bastante diferenciado.

Na pesquisa realizada por Luria (2013), ele analisou também a origem de cada resposta dada pelos indivíduos participantes, nossa pesquisa se diferenciou nesse aspecto, devido à especificidade de nossa formação na área de pedagogia, nos limitamos a analisar apenas o recorte didático, apropriado, de erros e acertos dos nomes das figuras geométricas propostas, sem realizar análises aprofundadas de cunho psicológico.

De acordo como o referencial teórico pesquisado e dos dados coletados em nossa pesquisa, através do levantamento do perfil dos alunos, do significado das palavras e das figuras geométricas, pudemos contemplar um recorte bastante específico de aplicação de um aspecto da Teoria Histórico-Cultural, que, entre outros, defende que o ser é fruto do meio em que vive, e que, se direcionado aos conhecimentos academicamente elaborados e à educação formal, poderá ter suas funções psíquicas superiores mais desenvolvidas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos contemplar nitidamente as definições de Vigotski e Luria (1996), e de fato, concordar com a proporcionalidade sugerida por ele, o que significa que quanto mais se apropria do conhecimento histórico-cultural de seu meio, mais o indivíduo se desenvolve psiquicamente, amplia o número de palavras com maior significados e melhor se comunica e se expressa ao longo da vida, ou, inversamente na mesma proporção seu desenvolvimento fica atrofiado, e pouco evoluído. Por isso, claramente, é de fundamental importância perceber, de que maneira é feito o uso do significado das palavras, observar se o mesmo signo (palavra) é utilizado para o mesmo significado em diferentes contextos.

No que se refere ao termo 'contexto social', constatamos que, realmente, os indivíduos pesquisados não estão inseridos em contextos sociais diferentes, pois estão dentro de uma cidade que não é tão grande, ou seja, geograficamente próximos, e com a rápida possibilidade de comunicação e a facilidade de conectividade da atualidade, acabam por fazer parte do mesmo contexto social, o que significa dizer que são membros da mesma sociedade. Porém, vivenciam processos de realidades culturais diferentes, no sentido de que por cultura, entendemos, os costumes, hábitos e atitudes do meio familiar desses indivíduos.

Para Martins (2013, p. 171) pautada nos estudos das obras de Vigotski e Luria (1986), explica que, "a princípio, no desenvolvimento ocorre, simplesmente, uma conexão externa entre palavra e objeto, e não uma conexão interna entre signo e significado". O que nos leva a compreender que o aspecto psicológico do uso da palavra pode ser considerado uma generalização, constituindo-se assim, num ato de pensamento.

Então, podemos dizer que, quanto maior o desenvolvimento psíquico do indivíduo, melhor e mais adequadamente ele utilizará as palavras como signos dos significados abstratos que deseja utilizar, a depender também, de seu nível de desenvolvimento histórico-cultural e do contexto em que se encontra, pois nitidamente podemos perceber o nível de desenvolvimento de um indivíduo devido ao uso que este faz das palavras.

Considerando que a teoria na qual estamos pautados defende que o desenvolvimento das funções psicológicas superiores depende da mediação humana, e, no âmbito escolar, da mediação do professor, pudemos constatar que os

alunos da escola pública da periferia (GRUPO B) têm um nível de desenvolvimento menor de linguagem, que os alunos da escola particular do centro (GRUPO A). Não por coincidência, mas por meio das informações relatadas nos PPP das duas instituições de ensino, constatamos que os alunos do grupo A têm mais possibilidades de acesso e recursos mediadores de conhecimento científico e academicamente elaborado, que os alunos do grupo B. Atribuímos isso ao resultado dos dados coletados. Vigotski (2001), explica que, uma correta organização da aprendizagem da criança conduz ao desenvolvimento mental.

Concordamos com Vigotski, no sentido de que as funções psíquicas superiores não se desenvolvem biologicamente. Para se desenvolverem, dependem de mediação e, apropriação histórico-cultural, ao longo da trajetória de vida (história) e do ambiente social ao qual o indivíduo vive (cultura). Isso significa afirmar que, se um indivíduo humano for isolado de um meio social, não desenvolverá suas funções psíquicas superiores, vivendo apenas com as funções elementares biológicas, o que o manteria no nível de desenvolvimento animal.

Por meio dos instrumentos e dos signos o comportamento humano se torna conscientemente planejado e controlado. Nesse sentido, Vigotski (2001) defende que um bom ensino ajuda no melhor desenvolvimento das funções psíquicas superiores, e para que seja considerado como tal, esse ensino deve ser organizado e sistematizado em conteúdos científicos, que são capazes de orientar e estimular as funções internas de desenvolvimento. Ou seja, o desenvolvimento mental está intimamente ligado a uma correta organização da aprendizagem.

Entendemos que no aspecto filogenético da sociedade atual alcançamos o mesmo patamar de conectividade, rapidez na comunicação e acesso a informações, ou seja, não podemos afirmar que na filogênese nossa espécie não avançou tecnologicamente, e em outros aspectos também. Porém, no aspecto ontogênico, a evolução dos indivíduos depende muito do contexto histórico-cultural ao qual ficam expostos, depende dos processos de realidades que vivenciam diariamente.

Temos a impressão de que muitas vezes o estudo de uma teoria tão relevante quanto a teoria histórico-cultural, parece distante e pouco acessível para os professores que vivenciam a realidade diária das salas de aulas. Aparentemente é um conhecimento disponível a poucos que o buscam especificamente, por isso, nossa intenção ao elaborar essa pesquisa, foi a de tornar mais acessível aos

educadores a visualização prática da teoria, tornar esse entendimento mais próximo de sua realidade, e conseqüentemente contribuir para a melhoria da sua docência.

Assim, como Luria (2013) concluiu em sua pesquisa, concordamos que os indivíduos que vivem em contextos menos favorecidos de incentivo à leitura, conhecimento acadêmico e demais recursos, têm o desenvolvimento cognitivo e da linguagem menos desenvolvido, porém, isto não é uma sentença final, pois o autor também defende que este desenvolvimento pode ser estimulado e aumentado, como aconteceu com os grupos que ele investigou na ocasião da referida pesquisa.

Neste momento, não aprofundaremos a verificação desses dados devido à nossa impossibilidade de tempo para observação e de intervenção da pesquisa, mas concordamos que todos os indivíduos são dotados de possibilidade de desenvolvimento cognitivo seja qual for o patamar em que ele se encontre. Além do fato, de que nossa intenção era a de realizar uma síntese, bastante objetiva da teoria histórico-cultural e seus pontos principais, para que esse estudo se torne acessível a todos que desejarem, visualizar de maneira prática, a aplicação de um dos aspectos dessa teoria tão relevante.

Obviamente, não podemos generalizar e dizer que sempre que uma pessoa erra o significado de uma palavra, o desenvolvimento de sua linguagem é menor, sabemos que em uma teoria nos referimos aos indivíduos em linhas gerais, pois, como o nome sugere, cada indivíduo é único e dotado de suas próprias capacidades e possibilidades de evolução, o que podemos dizer, com certeza é que, no enfoque realizado nessa pesquisa, sob as condições que nós delineamos, pautadas no aporte teórico adotado, consideramos que os alunos do grupo B têm um nível de desenvolvimento menor em relação aos alunos do grupo A, e atribuímos isso, ao fato de os dois grupos vivenciarem processos de realidades diferentes, com menor e maior apropriação de conteúdos cientificamente elaborados, devido à grande diferença no incentivo recebido, acessos e recursos disponibilizados para ambos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. M. **Gramática metódica da língua portuguesa**. 46. ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

ARAÚJO, L. L. P.; RIOS, R. A popularização das redes sociais e o fenômeno da orkutização. *In*: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE, 15., 2012. **Anais...** Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, Fortaleza; SOCIEDADE BRASILEIRA DE ESTUDOS INTERDISCIPLINARES DA COMUNICAÇÃO, 15., 2012, Recife. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/resumos/R3205901.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

BERNARDES, M. E. M.; ASBAHR, F. F. da S. Atividade pedagógica e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 25, n. 2, 315-342, jul./dez. 2007.

BRASIL, Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) (2013). **Estudo aponta crescimento no consumo do metilfenidato**. Recuperado em 10 fevereiro, 2013, de <http://portal.anvisa.gov.br/wps/content/anvisa+portal/anvisa/sala+de+imprensa/menu++noticias+anos/2013+noticias/estudo+aponta++tendencia+de+crescimento+no+consumo+de+metilfenidato>

BRITO, D. S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **Revela**, Praia Grande, ano 4, n. 8, p. 1-35, jun. 2010.

FREIRE, A. **Contribuições teóricas de Lev S. Vygotsky (1896-1934)**. Secretaria Municipal de Educação e Cultura – SMEC, Coordenadoria de Ensino e Apoio Pedagógico – CENAP. Fábrica do Saber, 2008. Disponível em: http://www.portal.educacao.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espacovirtual/espaco-alfabetizar-letrar/lecto-escrita/artigos/referencial-teorico_Vygotsky.pdf. Acesso em: 28 maio 2018.

GALPERIN, P. Y. **Sobre la formación de los conceptos y de las acciones mentales**. In V. Davydov & M. Shuare. La psicología evolutiva y pedagogia en la URSS: antología (pp. 125-142). Moscú: Progreso, 1987.

GUILLAUME, P. As origens da ideia e da forma. (Capítulo I - A Psicologia da Forma1). **Rev. Abordagem Gestál.**, Goiânia [online], v. 18, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357735516014>. Acesso em: 12 jan. 2019.

LEITE, H. A. **A atenção na constituição do desenvolvimento humano: contribuições da psicologia histórico-cultural**. 2015. Tese (Doutorado)- Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. Lisboa: Horizonte, 1978.

LURIA, A. R. **Desenvolvimento cognitivo**: seus fundamentos culturais e sociais. Tradução de: Fernando Limongeli Gurgueira. 7. ed. São Paulo: Ícone, 2013.

_____. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Tradução de: Diana Myriam Liechtenstein e Mário Corso. Supervisão de trad. Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.

_____. A. R. O papel da linguagem na formação de conexões temporais e a regulação do comportamento em crianças normais e oligofrênicas. *In*: LURIA, A. R. *et al.* **Psicologia e pedagogia**: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991. v. 1, p. 121-142.

LUXEMBURGO, R. **A revolução russa**. Introdução, tradução e notas de rodapé: Isabel Maria Loureiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991.

MAJOR, D. R. Primeiros passos no crescimento mental. **The Spectator Magazine**. Londres, 2013. Disponível em: <https://translate.google.com/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://archive.spectator.co.uk/article/21st-july-1906/23/first-steps-in-mental-growth-by-david-r-major-phd&prev=search>. Acesso em: 14 jan. 2019.

MARTINS, L. M. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. Campinas, SP: Autores Associados, 2013.

OLIVEIRA, T. S. F. O silogismo perfeito em Aristóteles. **Revista de Filosofia Argumentos**, Fortaleza, ano 8, n. 16, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/argumentos/article/viewFile/19142/29860>. Acesso em: 9 jan. 2019.

OLIVEIRA, M. K. **Vygotsky**: aprendizado e desenvolvimento - um processo sócio histórico. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2010.

_____. Pensar a educação: contribuições de Vygotsky. *In*: CASTORINA, José Antônio *et al.* **Piaget-Vygotsky**: novas contribuições para o debate. 6. ed. São Paulo: Ática, 2012. p.6-8.

PEREZ, M. E.R. (1982). **Formación experimental de la atención en niños de edad escolar media y su influencia en el aprovechamiento escolar**. Tesis de doctorado. Facultad de Psicología Universidad de La Habana, Habana, Cuba.

POWERS, S. K.; HOWLEY, E. T. **Fisiologia do exercício**: teoria e aplicação ao condicionamento e ao desempenho. 1. ed. Barueri: Manole, 2000.

REGO, T. C. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. 16. ed. Petrópolis, SP: Vozes, 2008.

ROAZZI, A.; COLLEGE, W. O desenvolvimento individual, o contexto social e a prática de pesquisa. **Rev. Psicol.:** Ciênc. Prof., Brasília, DF, v. 7, n. 2, 1987. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141498931987000200012. Acesso em: 5 jul. 2018.

SILVA, N. M. M.; FRANCIOLI, F. A. de S. **Seminário do PPIFOR, II**. Paranaíba: Unespar, 2016.

SILVA, N. M. M. Análise da aprendizagem do conceito da subtração: contribuições da teoria histórico-cultural. 2016. 148 f. Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual do Paraná, Paranaíba, 2016.

SOUZA, S. J. **Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin**. 3. ed. Campinas, SP: Papirus, 1996.

TOSTA, C. G. Vygotsky e o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Universidade de Uberaba. **Rev. Perspect. Psicol.**, Uberlândia, v. 16, n. 1, p. 57-67, jan./jun. 2012. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:HaDvnrM9MZEJ:www.seer.ufu.br/index.php/perspectivasempsicologia/article/download/27548/15102+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clink&gl=br>. Acesso em: 11 jun. 2018.

VANDERLEI, A. F. M.; SILVA, G. J.; VIRGÍNIO, M. H. S. **Teoria associacionista como suporte teórico da EaD**. Pesquisa e avaliação Setor Educacional: 5 Macro: D Natureza: C Classe: 1. João Pessoa - PB, 2012. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2012/anais/163f.pdf>. Acesso em: 14 set. 2018.

VASCONCELLOS, C. dos S. **Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político-pedagógico – elementos metodológicos para elaboração e realização**. 21. ed. São Paulo: Libertad, 2010.

VEIGA, I. P. **A educação básica e educação superior: projeto político-pedagógico**. 3. ed. São Paulo: Papirus, 2008.

_____. I. P. A. Projeto Político-Pedagógico da Escola de Ensino Médio e suas Articulações com as Ações da Secretaria de Educação. In: **SEMINÁRIO NACIONAL: Currículo em Movimento – perspectivas atuais**, 1., 2010. Belo Horizonte. **Anais...**, Belo Horizonte: [s.d.], 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7179-4-4-rojeto-politicopedagogico-escola-ilma-passos/file>. Acesso em: 14 maio 2018.

VYGOTSKY, L.S. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Pensamento e linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores**. Apresentação e comentários de Ana Luiza Smolka. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.

VYGOTSKY, L.S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade certa. *In*: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e Aprendizagem**. 11. ed. São Paulo: Ícone, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1994. Tomo II.

_____. **Obras escogidas**. Madrid: Visor, 1995. Tomo III.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento: o macaco, o primitivo e a criança**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

_____. **El instrumento y el signo en el desarrollo dei niño**. Edición a cargo de Pablo Del Rio e Amélia Alvarez. Madrid: Fundación Infancia y Aprendizaje, 2007.

WOODWARD, W. Charlotte Bühler (1893-1974): scientific entrepreneur in developmental, clinical, and humanistic psychology. *In*: _____. **Portraits of pioneers in psychology**. New Hampshire: Psychology Press, 2011. p. 83-103. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/232061007_Charlotte_Buhler_18931974_Scientific_entrepreneur_in_developmental_clinical_and_humanistic_psychology. Acesso em: 22 set. 2018.

APÉNDICE

APÊNDICE A - Instrumento de coleta de dados

Figura 1 A - Frente do arquivo de coleta de dados

	Palavra	Significado da Palavra	Frase com esta Palavra
1.	Acumular		
2.	Postar		
3.	Oscilar		
4.	Flexível		
5.	Acirrado		
6.	Envolver		
7.	Erguer		
8.	Omar		
9.	Superar		
10.	Baixar		

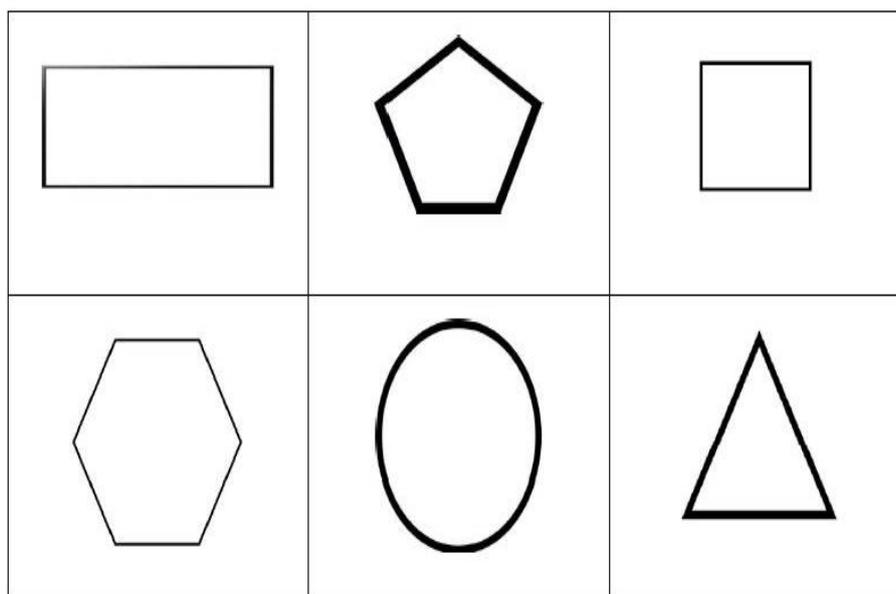
Responda às perguntas:

1) Você tem acesso à internet?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
2) Você tem acesso à leitura fora da escola?	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
3) Você já leu algum livro ano passado? Quantos livros? _____ Qual livro? _____	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
4) Você lembra algum conteúdo que já estudou este ano? Qual conteúdo? _____ De Qual disciplina? _____	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
5) Jogou algum jogo pela internet este ano? Qual jogo? _____	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
6) Você assistiu algum filme pela internet este ano? Qual filme? _____	<input type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não

Nota: Reprodução reduzida do instrumento de coleta de dados

Figura 2 A - Verso do arquivo de coleta de dados

ESCREVA O NOME DE CADA FIGURA GEOMÉTRICA



Nota: Reprodução reduzida do instrumento de coleta de dados